

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARINA RIBEIRO DE GOIS

**O Projeto Educacional Iluminista de Mary Wollstonecraft
na Obra 'Reivindicação do direito da mulher' (1792)**

SÃO PAULO
2024

O Projeto Educacional Iluminista de Mary Wollstonecraft na Obra ‘Reivindicação do direito da mulher’ (1792)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Cultura, Filosofia e História da
Educação

Orientadora: Dra. Carlota Boto

SÃO PAULO
2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação. Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a), bibliotecária da FE/USP, Nicolly Soares Leite – CRB-8/8204

Ribeiro de Gois, Marina
Rp O Projeto educacional iluminista de Mary Wollstonecraft na obra
'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792). Marina Ribeiro de Gois;
orientadora Carlota Boto. São Paulo, 2024. 57 p.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Cultura, Filosofia e
História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São
Paulo, 2024.

1. Mary Wollstonecraft. 2. 'Reivindicação dos Direitos da Mulher'. 3.
Educação feminina no século XVIII. I. Boto, Carlota, orient. II. Título.

GOIS, Marina Ribeiro de

**O Projeto Educacional Iluminista de Mary Wollstonecraft na Obra
'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de concentração: Cultura, Filosofia e História da
Educação

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

“Muitos milhões morreram e foram esquecidos nos [...] anos que se passaram desde que [Wollstonecraft] foi enterrada e, não obstante, quando lemos suas cartas e ouvimos seus argumentos e meditamos sobre seus experimentos, percebendo o modo petulante e impetuoso com que ela abre caminho à essência da vida, uma forma de imortalidade é dela indubitavelmente; ela está viva e ativa, ela argumenta e experimenta, nós ouvimos sua voz e identificamos sua influência mesmo agora, entre os vivos.”
(Woolf, 2011, p.76)

GOIS, Marina Ribeiro de. **O Projeto educacional iluminista de Mary Wollstonecraft na obra 'Reivindicação do direito da mulher' (1792)**. 2024. 57 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2024. Versão Original.

Resumo

Mary Wollstonecraft (1759-1797) escreveu 'Reivindicação dos direitos da mulher'(1792), considerado um marco fundador do feminismo, inspirada pelos ideais iluministas e pelos acontecimentos da Revolução Francesa (1789). Wollstonecraft redigiu duras críticas à situação das mulheres de sua época, concluindo que a minoridade social e intelectual feminina era resultado da falta de acesso a uma escolarização adequada e à ausência de direitos políticos e sociais. Logo, 'Reivindicação dos direitos da mulher' consiste em uma fonte histórica privilegiada para investigarmos as relações entre Iluminismo e escolarização feminina. O presente trabalho tem por objetivo primário analisar o projeto de escolarização idealizado por Mary Wollstonecraft, em especial a educação feminina, assim como as reivindicações políticas e sociais contidas na obra.

Palavras-chave: 'Reivindicação dos direitos da mulher', educação feminina XVIII, Mary Wollstonecraft.

GOIS, Marina Ribeiro de. **Mary Wollstonecraft's Enlightenment educational project in the work Vindication of the Right of Woman (1792)**. 2024. 57 p. Dissertation (Master's in Education) – Faculty of Education, University of São Paulo, 2024. Original Version.

Abstract

Mary Wollstonecraft (1759-1797) wrote 'The Vindication of the Rights of Women' (1792), considered a founding landmark of feminism, inspired by Enlightenment ideals and the events of the French Revolution (1789). Wollstonecraft wrote harsh criticisms of the situation of women of her time and concluded that female social and intellectual minority were the result of the lack of access to adequate schooling and the absence of political and social rights. Therefore, The Vindication of Women's Rights is a privileged historical source for investigating the relationship between the Enlightenment and female schooling. The primary objective of this project is to analyze the schooling project designed by Mary Wollstonecraft, especially female education, as well as the political and social demands contained in the work.

Keywords: 'Vindication of women's rights', female education XVIII, Mary Wollstonecraft.

Lista de Figuras

Figura 1 - Ilustração de William Blake para a obra <i>Original stories from Real Life</i>	25
Figura 2 - <i>The Lady's maid or The toilet head dress</i> (1776), autor anônimo...	33
Figura 3 - Ilustração sobre o penteado de Maria Antonieta (1789), autor anônimo.....	34

Agradecimentos

O conhecimento nunca é construído de maneira solitária, logo, nenhuma pesquisa acadêmica é mérito de uma única pessoa, mas sim resultado de diversas partilhas e contribuições que recebemos ao longo da vida. Diante disso, quero expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas, aos lugares nos quais estudei, as escolas e universidades que pude frequentar, Unifesp e USP, que contribuíram de maneira significativa para a realização deste trabalho. Este é um momento de reflexão e reconhecimento, no qual reconheço a importância dos diversos apoios que recebi ao longo desta jornada acadêmica.

Primeiramente, quero manifestar minha profunda gratidão à minha orientadora, Carlota Boto, pela orientação, paciência, empatia e constante apoio. Suas críticas e orientações foram fundamentais para o desenvolvimento e aprimoramento desta dissertação. Seu comprometimento e dedicação ao meu crescimento acadêmico foram essenciais, e sou imensamente grata por ter tido a oportunidade de aprender com sua experiência.

Além disso, agradeço à banca examinadora por dedicar seu tempo à análise crítica deste trabalho e por suas valiosas sugestões e contribuições. As discussões construtivas durante a qualificação foram cruciais para a melhoria deste estudo.

Minha gratidão se estende aos colegas de pesquisa e de curso, cujas trocas de ideias e debates enriqueceram minha formação. O ambiente acadêmico estimulante e colaborativo foi fundamental para o meu crescimento intelectual e pessoal. Ao longo dos anos de 2020-2022 participei do Grupo de Estudos de Filosofia e História das Ideias Pedagógicas (GEFHIFE) e agradeço e expresso meu carinho pelos colegas do grupo,

Agradeço ainda aos professores da Feusp com os quais tive o prazer de ter aulas durante a graduação e mestrado, ao longo de minha jornada acadêmica, que compartilharam seus conhecimentos e experiências, inspirando-me ao amor pela docência e pesquisa

Minha gratidão aos meus amigos André, Henrique, Lucas e Thiago, cujo apoio emocional e encorajamento foram indispensáveis durante os momentos

desafiadores desta jornada. Seu amor e compreensão foram minha fonte de força e inspiração.

Por fim, dedico este trabalho a minha mãe e avós (*in memoriam*), cujo apoio incondicional e sacrifícios possibilitaram a realização dos meus sonhos acadêmicos. Sua dedicação à minha educação foi o alicerce sobre o qual construí minha jornada.

Em suma, a conclusão desta dissertação não seria possível sem a colaboração e apoio de tantas pessoas. Expresso minha sincera gratidão a todos que contribuíram para a finalização deste trabalho, e levo comigo as lições aprendidas e os relacionamentos construídos ao longo desta trajetória acadêmica.

Sumário

Introdução	12
Capítulo 1. Mary Wollstonecraft: vida e obra	16
1.1 <i>Thoughts on the Education of Daughters: with reflections on female conduct, in the more important duties of life</i> (1787).....	21
1.2 <i>'Original Stories from Real Life; with Conversations Calculated to Regulate the Affections, and Form the Mind to Truth and Goodness</i> (1788).....	24
1.3 <i>A Vindication of the Rights of Men, in a Letter to the Right Honourable Edmund Burke; Occasioned by His Reflections on the Revolution in France</i> (1790).....	27
Capítulo 2. Reivindicação dos Direitos da Mulher (1792)	30
2.1 O estado de degradação feminina.....	32
2.2 Virtude e independência.....	36
2.3 Circulação e recepção do pensamento de Mary Wollstonecraft no Brasil.....	37
Capítulo 3. O Projeto Educacional de Wollstonecraft	42
3.1 Afeto e dever dos pais.....	43
3.2 Sobre a educação individual e nacional.....	45
Considerações Finais - Uma Revolução nos Modos Femininos	51
Referências bibliográficas	53

Introdução

Este trabalho tem por objetivo estudar a obra 'Reivindicação dos direitos da mulher', de Mary Wollstonecraft, em especial as críticas políticas e sociais referentes à situação das mulheres, assim como analisar a proposta educacional da autora. A metodologia do trabalho consiste em utilizar os pressupostos teóricos da história do livro e da cultura com o intuito de contextualizar a obra e entender como a educação feminina para a autora está atrelada a um projeto social e político de sociedade.

Logo, este trabalho visa estudar 'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792), de Mary Wollstonecraft, a partir dos temas de escolarização e condição feminina subalterna desenvolvidos pela autora. O livro analisado incorpora os debates travados por pensadores iluministas e revolucionários e consiste em uma fonte histórica valiosa para se pensar o processo da formação e acesso escolar.

Depois de considerar a página da história e de refletir sobre a realidade atual com ansiosa solicitude, os mais melancólicos sentimentos de dolorosa indignação têm deprimido meu espírito, e lamento ver-me obrigada a confessar que ou a natureza estabeleceu grande diferença entre um homem e outro, ou a civilização que até agora conhecemos tem sido muito parcial. Repassei vários livros escritos sobre o tema da educação e, pacientemente, observei a conduta dos pais e da administração das escolas; qual foi o resultado? Uma profunda convicção de que a educação negligenciada de meus semelhantes é a principal causa da miséria que deploro e de que as mulheres, em particular, são tornadas fracas e infelizes por uma variedade de causas concomitantes, originadas de uma conclusão precipitada. A conduta e as maneiras das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio; pois, tal como as flores plantadas em um solo rico demais, a força e a utilidade são sacrificadas à beleza, e suas folhas garbosas, após agradarem a um olhar exigente, murcham e caem do galho, muito antes de atingirem a maturidade. Atribuo a causa desse florescimento estéril a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mães racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes (Wollstonecraft, 2016, p. 25).

Mary Wollstonecraft foi pioneira em seus escritos, 'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792), como argumenta Maria Lygia Quartim de Moraes (2016), partindo do pressuposto de que o estado de minoridade na qual as mulheres viviam

era causado pela ausência de uma escolarização adequada. Interessante acrescentar que suas críticas são feitas de dentro do movimento iluminista, o que fica evidente quando são feitas ao pensador Rousseau, em especial à figura de sua personagem Sofia. Observamos que Wollstonecraft apresentou um projeto de reforma escolar geral e críticas à educação institucional da época, e tais ideias se relacionam a pensadores do período.

As suas obras mostram nuances da participação feminina no movimento iluminista e no próprio pensar da Revolução Francesa, assim como o acesso e a reivindicação das mulheres à escolarização, pois em seu pensamento esse processo é indissociável do fazer político e da construção de uma nova República e sociedade. Mary Wollstonecraft foi uma pensadora que sintetizou tal ideal. E, ao ver no próprio discurso revolucionário a justificção para o acesso à escolarização e participação feminina na sociedade, seu pensamento mostra-se condizente com seu tempo, mas, em seu cerne, é também extremamente revolucionário. Uma vez que, segundo Wollstonecraft, a mudança e aperfeiçoamento moral, assim como social, só será conquistado a partir das mudanças promovidas pelas mulheres. O autor também defende que devemos nos reformar, para mudarmos o mundo, uma revolução dos modos e da mente feminina.

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo. É hora de separar a moral imutável dos modos locais. Se os homens são semideuses, por que nos deixam servi-los? E, se a dignidade da alma feminina é tão discutível quanto a dos animais – se sua razão não possui luz suficiente para dirigir sua conduta, enquanto o instinto infalível lhe é negado –, as mulheres são seguramente as mais miseráveis de todas as criaturas! Curvadas sob a mão férrea do destino, devem submeter-se a ser um belo defeito da criação. Mas justificar os caminhos da Providência em relação a elas, assinalando certas razões incontestáveis para tornar uma parte tão grande da humanidade responsável ou irresponsável, desconcertaria o casuística mais sutil (Wollstonecraft, 2016, p. 69).

Desse modo, é necessário um estudo mais aprofundado sobre a obra. Além disso, apesar de 'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792), como o título expressa, ter como ponto nevrálgico repensar e reivindicar mais direitos e oportunidades às mulheres, a obra trata de outros assuntos, além da temática do gênero. Wollstonecraft teceu críticas contundentes à sociedade em que viveu. Nessa obra, a autora critica os privilégios da nobreza, o militarismo, a socialização masculina, a escravidão e o projeto de educação de Rousseau.

Portanto, sua obra abarca questões importantes dentro do debate iluminista e moderno, em um exercício de dialogar, não apenas com os problemas sociais de sua época, mas também com filósofos do cânone iluminista. Logo, a importância da obra de Mary Wollstonecraft reside para além de um importante testemunho do pensamento da época: constitui apropriação dos ideais revolucionários e iluministas. Além disso, suas críticas e diálogos sobre Rousseau, Condorcet, entre outros, contribuem para analisarmos tais pensadores a partir de novas matizes.

Considerando todos esses fatores, este trabalho visa explicar o tema da escolarização feminina no pensamento da autora. A fonte primária desta dissertação consiste na obra 'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792), de Mary Wollstonecraft. As edições selecionadas foram: Boitempo, de 2016, por ser uma edição comentada e com textos de apoio. Será utilizado também o texto original, a edição da *Oxford Classics*, editado e comentado por Todd (2008), especialista na obra de Wollstonecraft; tal publicação reúne outros textos importantes da autora e textos de apoio relevantes para melhor entendimento sobre a obra geral da autora.

Como fontes secundárias, foi estudado outros textos da autora: *Thoughts on the Education of Daughters: with reflections on female conduct, in the more important duties of life* (1787); *A Vindication of the Rights of Men* (1790); *An Historical and Moral View of the Origin and Progress of the French Revolution* (1794); *Maria or the Wrongs of a Woman* (1798).

Tais obras são fundamentais para explicar temas importantes do pensamento de Wollstonecraft. Nenhum deles possui edição traduzida para o português, portanto, foram utilizadas somente suas versões originais em domínio público, disponíveis em formato virtual. Nesta dissertação, as citações a tais obras no corpo do texto foram traduzidas para o português e apresentadas no idioma original em notas de rodapé, para melhor entendimento da interpretação aqui utilizada, e para apresentar a linguagem utilizada por Wollstonecraft.

No que tange à organização deste trabalho, foram tecidos três capítulos: o primeiro é um balanço da circulação e recepção do pensamento de Wollstonecraft no Brasil, com breve contextualização sobre a vida da autora, e análise sobre as obras escritas por ela, traçando paralelos com a obra central estudada neste trabalho. O segundo capítulo é composto pela análise da obra em questão: 'Reivindicação dos direitos da mulher'. Nele, estudamos conceitos-chave para

entender o pensamento político de Wollstonecraft. O último capítulo é dedicado à análise do pensamento educacional de Mary Wollstonecraft e sua relação com a elaboração de um projeto político e social.

Capítulo 1. MARY WOLLSTONECRAFT: VIDA E OBRA

Ai! Pobre da mulher que escrever quer!
 Tamanha pretensão ninguém perdoa
 naquela que, em lugar de ser 'patroa'
 ou 'dona' em sua casa, quer colher
 meter, torta, nas letras! Se lhe der
 na telha fazer versos, lhe dirão
 que tempo vai perder e transgressão
 tal mesmo uma virtude não redime
 Vigora em sociedade esse regime,
 pois temos que ser belas; cultas, não.

(Lady Winchilsea *apud* Woolf p. 87)

Alguns dados biográficos sobre a autora são pertinentes para entendermos não apenas sua trajetória, mas também as relações entre a vida da escritora e o período histórico, bem como as ideias em voga em sua época. Mary Wollstonecraft nasceu em 1759, em Spitalfields, Londres, em uma família de classe média empobrecida. Foi a segunda de sete filhos, e seu avô era um tecelão que deixou uma pequena herança ao seu pai. Todavia, tudo foi perdido em uma empreitada falida na agricultura. Wollstonecraft não teve acesso a uma educação formal ou a uma biblioteca equipada, e frequentou apenas uma *day school*, que tinha como objetivo a alfabetização e conhecimentos básicos de matemática, em oposição à *grammar school*, a qual seus irmãos frequentaram.

Ainda criança, conheceu Fanny Blood, que seria sua amiga durante sua breve vida. Fanny era protegida de uma família de posses na região, os Clare, e de acordo com Ruggieri (1977), o encorajamento e acesso a bibliotecas auxiliou Wollstonecraft em sua formação autodidata. Para Ruggieri (1977) e Gordon (2020), o autodidatismo e a influência dos dissidentes foram fundamentais no desenvolvimento do seu pensamento. Joseph Johnson, seu editor, e o pastor Richard Price faziam parte desse grupo.

O termo – dissidentes religiosos – englobava os fiéis das seitas protestantes desvinculadas da Igreja Anglicana, que eram remanescentes dos conflitos políticos e religiosos do século anterior. Após a Revolução de 1688, foram excluídos da política inglesa e destituídos do direito de cidadania, embora tivessem desempenhado um papel decisivo nas guerras civis. Não podiam exercer cargos públicos, incluindo postos militares e parlamentares, embora mantivessem o direito à liberdade religiosa. Tal situação fez com que, ao longo do século XVIII, fomentasse a agitação política pela revogação das leis de exclusão, que se tornaria uma das principais reivindicações a serem pleiteadas na reforma parlamentar, em discussão desde a década de 1770 e que só se realizaria em 1832 (Motta, 2009, p. 29).

Ao lado de Fanny e suas irmãs Eliza e Everina, Wollstonecraft faz duas tentativas de manter uma escola. A primeira em Islington, que fracassa pela falta de alunos e, a segunda, em Newington Green, berço dos dissidentes, onde cria um projeto educacional para ambos os sexos, de idades mistas, que tem por finalidades promover a criatividade, integridade, autodisciplina e aprendizado a partir das experiências. A segunda tentativa também fracassa, pois Fanny, por problemas de saúde, muda-se para Portugal e logo falece, o que leva ao fechamento da escola.

Como aponta Reis (2018), entre 1778 e 1787, Wollstonecraft desempenhou todos os papéis sociais que uma mulher seguindo as regras de decência poderia exercer: ela foi dama de companhia, professora de moças e governanta em uma família aristocrática. A partir de 1788, com a parceria estabelecida com Joseph Johnson, que foi durante toda a sua vida seu amigo e único editor, Wollstonecraft passou a viver apenas dos seus escritos. Ao longo de sua vida, além de suas obras escritas, ela foi uma importante contribuidora com textos críticos e traduções para a *Analytical Review*, revista criada por Johnson e Christie, e ligada à cultura radical da época:

(...) Fundada em 1788 por Johnson e Christie, [a *Analytical Review*] se tratava de uma revista mensal dedicada à difusão das “novas ideias” entre o público culto da classe média através, principalmente, de resenhas críticas de uma amplíssima variedade de obras. Eclética, em um estilo plenamente Setecentista e ilustrado, aquela revista era um autêntico caleidoscópio onde se cruzava e discutia o variado mundo dos saberes e das artes que iam compondo a cultura burguesa. Trabalhando a pleno rendimento, Wollstonecraft chegou a publicar, ao longo de três anos, quase trezentas resenhas que incluíam novelas, obras de teatro, ensaios sobre educação, tratados políticos e religiosos, entre outros. Essa atividade intensa lhe proporcionou a independência pessoal que sempre buscara e a possibilidade de ampliar e completar sua educação (Gordon, 2020, p.147).

Sapiro (1992) afirma que, de junho de 1788 até o fim de 1790, Mary Wollstonecraft escreveu 290 trabalhos críticos na *Analytical Review*, e deixou inacabado o conto oriental *Cave of Fancy*. Também produziu a antologia *The female reader*, e escreveu quatro livros. Usou o pseudônimo *Mr. Creswick* para publicar quatro textos e o prefácio de *Proper Heads: for the Improvement of young women*, todavia esses últimos textos estão desaparecidos, como aponta Poston *apud* Motta (2009). Embora Wollstonecraft tenha deixado muitos escritos, suas obras consideradas principais e, por consequência, foco de estudos mais extensos, correspondem a cinco: *Thoughts on the Education of Daughter* (1787); *Mary: a*

fiction (1788); *A Vindication of the Rights of Men* (1790); *A Vindication of the Rights of Woman* (1792); *Letters Written in Sweden, Norway, and Denmark* (1796).

Outra função importante exercida por Wollstonecraft era a de tradutora de alemão e francês, idiomas que aprendeu também como autodidata. Ela traduziu *De L'importance Opinions Religieuses*, de J. Necker, e *Physiognomy*, de J. K. Lavater, entre outras. Gordon (2020) aponta o fato inusitado, e só descoberto recentemente, que muitas das traduções realizadas por Wollstonecraft subvertem e alteram os conteúdos das obras originais. Por exemplo, na obra *Moralisches Elementarbuch nebst einer Anleitung zum nützlichen Gebrauch desselben* [em tradução livre para o português “livro moral elementar junto com instruções para seu uso útil”], do alemão Christian Salzmann (1744-1811), Wollstonecraft modifica passagens inteiras que se referem à defesa da aristocracia e à educação das meninas.

Para além de seus escritos e traduções como profissional, Wollstonecraft, como aponta Todd, foi considerada uma distinta escritora de cartas. Suas correspondências particulares vão desde o período da sua infância (1773), até a última uma carta escrita poucas horas depois do parto de sua segunda filha (1797). Ao todo escreveu, aproximadamente, 354 cartas, que estão arquivadas, em sua maioria, na biblioteca Bodleian, em Oxford, e na biblioteca Pforzheimer, em Nova York. Essas cartas foram estudadas por Todd e Wardle (1979), e compõem importante panorama na reconstituição de sua biografia e laços pessoais da sua vida.

A vida particular de Wollstonecraft sempre foi uma tônica nos estudos sobre a autora. Seus relacionamentos amorosos foram pouco ortodoxos para a época. Um deles, com o pintor Henry Fuseli (1741-1825), na época casado com Sophia Rawlins, e, outro, com Gilbert Imlay, com o qual teve uma filha ilegítima (Fanny Imlay), sendo que o fracasso de seu relacionamento com este último resultou em duas tentativas de suicídio. Tempos depois, viveu com William Godwin (1756-1836), precursor do pensamento anarquista inglês, mas ambos se casaram somente após Wollstonecraft engravidar. Entretanto, em virtude de complicações no parto (septicemia), Wollstonecraft morreu dez dias depois, em 10 de setembro de 1797. Sua filha recebeu o nome de Mary Wollstonecraft Godwin, mas ficou conhecida pelo nome de casada, Mary Shelley (1797-1851); assim como sua mãe, foi escritora, e a autora do clássico ‘Frankenstein ou o Prometeu moderno’ (1818).

Logo após a morte de Mary Wollstonecraft, Godwin publicou uma obra de memórias (*Memoirs*) e escritos inéditos da autora (*Posthumous Works*), juntamente com algumas cartas de correspondência entre ambos. Todavia, tal publicação teve uma recepção negativa, como vemos em Thompson (2002), e entre outros biógrafos da autora como Flexner (1972) e Todd (2000):

[...] um facsimile barato e caprichado, em brochura, das Memoir of Wollstonecraft de Godwin. Essa obra foi enviada à impressão imediatamente após a morte dela, quando Godwin, pelo menos uma vez, deixou de lado, comovido, sua habitual auto preocupação. Nunca pude decidir se isso foi um ato de piedade, que atendia às queixas que ambos faziam por uma maior sinceridade, ou um engano que a expôs a seus inimigos (Thompson, 2002, p. 145).

Tais relatos sobre a vida de Wollstonecraft foram danosos a suas obras e imagem, pois, se em vida a autora gozou de um pequeno prestígio graças aos seus escritos, após a publicação de Godwin a figura de Mary Wollstonecraft foi amplamente associada a escândalos, e sua vida amorosa não convencional para a época suplantou sua trajetória de revolucionária e escritora.

Gordon (2020), em confluência com Thompson, aponta como *Memoirs* foi danosa à sua imagem. O livro, colocado à venda pouco tempo depois de sua morte, a retratava como uma radical enlouquecida e apaixonada. Gordon cita que, após a publicação, o *The Anti-Jacobin Review* colocou Mary Wollstonecraft como definição do termo *prostitution*. Ainda segundo Gordon (2020), o governo inglês financiou uma campanha de difamação por três anos contra os ideais de Godwin e Wollstonecraft, assim como os ideais liberais de forma geral, sendo um dos ataques mais famosos o poema satírico e obsceno publicado também na *Anti-Jacobin Review*.

William escreveu um caminhão de coisas.
E a vida de Mary por fim ele teve de escrever,
Pensando que as prostituições dela fossem pouco conhecidas,
Até que fossem belamente impressas em preto e branco,
Com alegria e orgulho maravilhado, essa simples criatura
Os feitos de lascívia de bordel da esposa registra,
E sendo sua esposa, com imenso prazer ele conta
Quantas vezes ela traiu o pobre tolo
E se entregou, oh parte adorável! a meia cidade¹
(Gordon, 2020, p. 506-507).

¹ “William hath penn’d a wagon-load of stuff,/ And Mary’s life at last he needs must write./ Thinking her whoredoms were not know enough,/ Till fairly printed off in black and white./ With wondrous glee and pride, this simple wight/ Her brothel feats of wantonness sets down,/ Being Her spouse, he tellsm with huge delight,/ How of sehe cuckolded the silly clown/And lent, O lovely piece! Herself to talf the town”

Embora *Memoirs* tenha provocado muito alvoroço e polêmica, o livro não vendeu bem, mas maculou o nome de Wollstonecraft e Godwin, perpetuando certo esquecimento de suas obras e ideais. Tal ostracismo manteve-se até meados da década de 1960, época em que as conquistas feministas, a maior pluralidade de temáticas e fontes nos trabalhos históricos, assim como estudos acadêmicos voltados para categoria de gênero, resultaram em um reavivamento e resgate do pensamento de Mary Wollstonecraft, em especial no Reino Unido, Canadá e Estados Unidos. Todavia, como Todd (2000) aponta, a maioria dos estudos sobre a autora, em suma, se resumiu em tentativas biográficas que reforçavam traços da sua vida pessoal para retratar uma figura revolucionária, e não estudos sistemáticos sobre suas obras, e para dar traçar paralelos das suas obras com as ideias de seu parceiro William Godwin e sua filha Mary Shelley.

Entender certos pontos de sua biografia auxilia a compreender sua trajetória de formação como pensadora. Sua vida foi marcada pela falta de oportunidades educacionais e pela ausência de uma herança ou um dote adequado para que pudesse arranjar um bom casamento. Portanto, torna-se necessário pensar a situação social e jurídica de uma mulher inglesa no século XVII:

A posição da mulher inglesa era de subordinação aos pais ou maridos e de submissão aos costumes. Uma mulher casada não podia ter nenhuma propriedade em seu próprio nome, nem participar de um contrato legal, ou sequer reclamar direitos sobre suas próprias crianças. Ainda que uma esposa pudesse pedir proteção legal contra um marido demasiadamente violento, este tinha o direito legal de bater em sua mulher. *Commentaries on the Laws of England*, de William Blackstone, de 1761, demonstram que por meio do matrimônio, homem e mulher tornavam-se uma só pessoa diante da lei, o que se chamou “a morte legal da mulher”, ou seja, a mulher casada não tinha existência legal, dependendo do marido, sob cuja proteção e responsabilidade deveria viver (Motta, 2009, p.25-26).

A educação e o lugar social da mulher são pontos elementares nos escritos da autora. Dessa maneira, nas próximas seções, apresentamos as principais obras da autora que abordam os temas de escolarização, formação e condição feminina na época e, com esse propósito, foram selecionados quatro obras da autora: *Thoughts on the Education of Daughters* (1787), *Original stories from Real Life* (1788) *Vindication of the Rights of the Men* (1790) e ‘Reivindicação dos direitos da mulher’ (1792), a única obra traduzida oficialmente para o português.

1.1 *Thoughts on the education of daughters: with reflections on female conduct, in the more important duties of life (1787).*

Ler é o emprego mais racional, se as pessoas procuram alimento para a compreensão e não leem apenas para lembrar palavras; ou com o objetivo de citar autores célebres e sentimentos de varejo que eles não entendem ou sentem. Livros criteriosos ampliam a mente e melhoram o coração, embora alguns, por meio deles, “se tornem presunçosos de natureza tola”² (Wollstonecraft, 1788, p. 49, tradução nossa).

A primeira obra de Wollstonecraft foi publicada em 1787, pelo seu editor Johnson. Escrita nos moldes dos livros de conduta em voga no século XVIII, abarca questões consideradas próprias do domínio feminino: casamento, amor, cuidado com as crianças, modos, tratamentos com empregados. Em síntese, não se diferencia dos manuais de conduta da época. Para Moore (1999) e Poovey (1992) os manuais de conduta refletem o período histórico em que foram escritos, ao retratar os valores da classe média em expansão na época e, principalmente, ao exprimir os comportamentos e modos esperados de uma dama proveniente desse recém- surgido *ethos* burguês.

Virginia Sapiro (2019) aponta que Wollstonecraft foi profundamente influenciada pela obra de Locke, *Some Thoughts Concerning Education* (1693), ao enfatizar uma educação doméstica dirigida aos pais, desconfiança nos empregados, proibição de histórias supersticiosas e irracionais, como os contos de fadas, e defesa de regras claras. Ainda de acordo com Sapiro, Wollstonecraft foi também influenciada por Rousseau ao advogar que as crianças possuem sentimentos inatos que servem de base para buscar a virtude.

Pela publicação da obra, Wollstonecraft recebeu 10 libras, o que equivale na atualidade a aproximadamente 1500 libras. Todavia, ela tinha dívidas em virtude da falência da escola idealizada por ela e as irmãs, além de ter precisado ajudá-las, assim como à família da sua amiga falecida, os Blood. Logo, Gordon (2020) aponta que a publicação da obra motivou Wollstonecraft a ver por meio de sua escrita uma forma de se manter financeiramente.

A obra *Thoughts* pode ser entendida também como um importante passo para o estudo e sistematização dos ideais que Wollstonecraft abordaria nas suas

² Reading is the most rational employment, if people seek food for the understanding, and do not read merely to remember words; or with a view to quote celebrated authors, and retail sentiments they do not understand or feel. Judicious books enlarge the mind and improve the heart, though some, by them, “are made coxcombs whom nature meant for fools” (Wollstonecraft, 1788, p. 49).

livros futuros. Vemos a temática da fragilidade econômica e social das mulheres, assim como o precário acesso ao conhecimento como questões pensadas pela autora. Por um lado, Wollstonecraft valida papéis e funções femininas da época, e pensa a escolarização e o uso da razão como uma melhor maneira de desempenhá-las.

Nenhum emprego da mente é desculpa suficiente para negligenciar os deveres domésticos, e não posso conceber que sejam incompatíveis. Uma mulher pode preparar-se para ser companheira e amiga de um homem sensato e, ainda assim, saber cuidar de sua família (Wollstonecraft, 1788, p. 57, tradução nossa).³

Por outro lado, a autora indaga no capítulo “Situação infeliz de mulheres que, educadas à moda [são] deixadas sem herança” (tradução nossa) a condição precária das mulheres que, mesmo com uma boa formação, em razão da falta de um bom dote e herança são obrigadas a encontrar um emprego para o autossustento. Contudo, as alternativas eram humilhantes e insuficientes, como podemos notar no seguinte trecho:

[Ser] companheira humilde de algum primo velho e rico... É impossível enumerar as muitas horas de angústia que tal pessoa deve passar. Acima dos servos, mas considerada por eles uma espiã, é sempre lembrada de sua inferioridade quando conversa com os superiores. (...) O professor de uma escola é apenas uma espécie de servo superior, que tem mais trabalho do que os subalternos. Uma governanta para as jovens moças é igualmente desagradável. ... a vida desaparece, e os espíritos com ela; 'e quando a juventude e os anos de gênio passam', elas não têm nada com que subsistir; ou, talvez, em alguma ocasião extraordinária, alguma pequena mesada possa ser feita para elas, o que é considerado uma grande caridade. ...É difícil para uma pessoa que gosta da sociedade refinada conviver com o vulgar, ou condescender em se misturar com seus iguais formais quando é considerada sob uma luz diferente... Quão cortante é o desprezo que ela encontra! — Uma mente jovem procura amor e amizade; mas o amor e a amizade voam da pobreza: não os espere se você é pobre!⁴ (Wollstonecraft, 1788, p. 71-72, tradução nossa).

³ No employment of the mind is a sufficient excuse for neglecting domestic duties, and I cannot conceive that they are incompatible. A woman may fit herself to be the companion and friend of a man of sense, and yet know how to take care of his family.(WOLLSTONECRAFT, 1788, p.57)

⁴ [T]o be an humble companion to some rich old cousin... It is impossible to enumerate the many hours of anguish such a person must spend. Above the servants, yet considered by them as a spy, and ever reminded of her inferiority when in conversation with the superiors. ... A teacher at a school is only a kind of upper servant, who has more work than the menial ones. A governess to young ladies is equally disagreeable. ... life glides away, and the spirits with it; 'and when youth and genial years are flown,' they have nothing to subsist on; or, perhaps, on some extraordinary occasion, some small allowance may be made for them, which is thought a great charity. ... It is hard for a person who has a relish for polished society, to herd with the vulgar, or to condescend to mix with her formal equals when she is considered in a different light... How cutting is the contempt she meets with!—A young mind looks round for love and friendship; but love and friendship fly from poverty: expect them not if you are poor! (Wollstonecraft, 1788, p. 71-72).

O ensino e sua relação com a religião é algo debatido no texto. A autora teceu críticas ao uso da *Bíblia* como método de ensino, e ressaltou a importância da religião ser ensinada por meio de exemplos. A religião é um ponto importante de modo geral nas obras da autora. Durante sua vida, Wollstonecraft permaneceu anglicana, mas teve grandes influências dos ensinamentos dos grupos de dissidentes anglicanos, com os quais manteve laços de amizade em sua vida. Em *Thoughts*, somos apresentados de maneira mais expressiva às suas tendências religiosas:

(...) A Bíblia deve ser lida com particular respeito, e eles não devem ser ensinados a ler por um livro tão sagrado; para que não considerem isso uma tarefa que deveria ser uma fonte da mais exaltada satisfação. Pode-se observar que recomendo que a mente seja colocada em um treinamento adequado e depois deixada sozinha. Não podem ser dadas regras fixas, devem depender da natureza e da força do entendimento; e aqueles que a observam podem dizer melhor que tipo de cultivo irá melhorá-la. A mente não é nem pode ser criada pelo professor, embora possa ser cultivada e seus verdadeiros poderes descobertos (Wollstonecraft, 1788, p. 54, tradução nossa).⁵

Por conseguinte, a dimensão religiosa no seu pensamento é relevante para um melhor entendimento de suas obras, pois para além de suas leituras filosóficas e literárias, a influência dos dissidentes é a base do seu pensamento. Ao passar por diversos tópicos do cotidiano e da socialização feminina, vemos essa característica de escrita ora mais moderada e de acordo com os princípios da época, ora apontando para um modo mais revolucionário de se pensar o papel da mulher na sociedade. A defesa do uso e o desenvolvimento do emprego da razão e do pensamento são constantes em sua escrita.

É uma observação antiga, mas muito verdadeira, de que a mente humana deve sempre ser empregada. O gosto pela leitura, ou por qualquer das belas artes, deve ser cultivado desde muito cedo na vida; e aqueles que refletem podem dizer qual a importância para a mente em se ter algum recurso em si mesma, e não ser inteiramente dependente dos sentidos para emprego e diversão⁶ (Wollstonecraft, 1788, p. 49, tradução nossa).

⁵The Bible should be read with particular respect, and they should not be taught reading by so sacred a book; lest they might consider that as a task, which ought to be a source of the most exalted satisfaction.

It may be observed, that I recommend the mind's being put into a proper train, and then left to itself. Fixed rules cannot be given, it must depend on the nature and strength of the understanding; and those who observe it can best tell what kind of cultivation will improve it. The mind is not, cannot be created by the teacher, though it may be cultivated, and its real powers found out (Wollstonecraft, 1788, p. 54).

⁶ It is an old, but a very true observation, that the human mind must ever be employed. A relish for reading, or any of the fine arts, should be cultivated very early in life; and those who reflect can tell, of

Para esta dissertação, a importância da leitura e do estudo *Thoughts* é analisar como a educação e o ensino das mulheres, desde o início dos seus escritos, foi uma preocupação para Wollstonecraft. E também percebemos que, seja para apropriações ou críticas, os escritos de Locke, e com mais destaque os de Rousseau, foram uma base na construção das reflexões e análises da autora em suas futuras obras. Embora *Thoughts* não seja tão esquematizado e direto como a 'Reivindicação dos direitos da mulher', tem como mérito utilizar o estilo dos manuais de condutas e inserir nesse molde críticas à situação feminina na sociedade inglesa do século XVIII.

1.2 *Original Stories from Real Life; with Conversations Calculated to Regulate the Affections, and Form the Mind to Truth and Goodness (1788)*

Essas conversas e histórias são adaptadas ao estado atual da sociedade; o que obriga a autora a tentar curar essas falhas pela razão, que talvez nunca tivessem se enraizado na mente infantil. Bons hábitos, imperceptivelmente fixados, são muito preferíveis aos preceitos da razão; mas, como esta tarefa exige mais julgamento do que geralmente cabe aos pais (...) acredito que aqueles que examinam suas próprias mentes concordarão prontamente comigo que a razão, com dificuldade, conquista hábitos estabelecidos, mesmo quando chega em algum grau de maturidade: por que então permitimos que as crianças sejam amarradas com grilhões, que suas faculdades semiformadas não podem quebrar? (Wollstonecraft, 1788, p. 17, tradução nossa).⁷

Original Stories from Real Life foi publicado pela primeira vez em 1788 de maneira anônima, no mesmo ano da publicação de *Mary: a Fiction*. Após o sucesso da publicação de *Vindication of the Rights of Men*, em 1790, *Original Stories* recebeu uma segunda edição em 1791, na qual constava o nome da autora e continha seis pinturas de William Blake. Essa é considerada a única obra infantil completa e publicada de Wollstonecraft, e representa um esforço significativo para ilustrar conceitos de virtude e bondade para as crianças

what importance it is for the mind to have some resource in itself, and not to be entirely dependant on the senses for employment and amusement (Wollstonecraft, 1788, p. 49).

⁷ These conversations and tales are accommodated to the present state of society; which obliges the author to attempt to cure those faults by reason, which might never to have taken root in the infant mind. Good habits, imperceptibly fixed, are far preferable to the precepts of reason; but, as this task requires more judgment than generally falls to the lot of parents(...) I believe those who examine their own minds, will readily agree with me, that reason, with difficulty, conquers settled habits, even when it is arrived at some degree of maturity: why then do we suffer children to be bound with fetters, which their half-formed faculties cannot break (Wollstonecraft, 1788, p. 17).

A obra é estruturada como uma série de histórias, cada uma acompanhada por diálogos destinados a guiar as crianças na interpretação moral e filosófica dos eventos. As histórias são retiradas da vida cotidiana. Cada narrativa é seguida por conversas que explicam as lições morais subjacentes. A história da obra, em linhas gerais, acompanha a vida e a educação de duas meninas (Mary e Caroline), e sua preceptora Mrs. Mason. O livro segue uma série de contos didáticos que narram situações diversas, sejam provocadas ou espontâneas, que visam desenvolver hábitos como caridade, paciência, virtude, generosidade, cuidado dos animais.

Figura 1 – Ilustração de William Blake presente na capa da edição de 1791. Embaixo, podemos ler a seguinte frase em tradução livre: ‘Olha que bela manhã está – Insetos, pássaros e animais, todos aproveitando a existência’.



Um aspecto distintivo de *Original Stories from Real Life* é o foco nas virtudes e nos afetos. Wollstonecraft acreditava que o desenvolvimento emocional era tão crucial quanto o desenvolvimento intelectual. As conversas entre os personagens

não apenas discutem ações morais, mas também exploram as emoções associadas a essas ações. Isso reflete a crença de Wollstonecraft de que uma educação verdadeiramente abrangente deve cultivar não apenas a mente, mas também o coração. A necessidade do equilíbrio entre razão e emoção, a virtude entendida como o uso da razão e do autocontrole.

Nessa obra, é perceptível a importância que a autora dá para o fortalecimento da autonomia de pensar desde a primeira infância e a necessidade do cuidado e atenção que essa fase necessita para o desenvolvimento sadio do pensar. Algo relevante de nota é que as histórias narradas no livro foram pensadas também para que o professor possa fazer uso delas em suas aulas. Além disso, as histórias e as situações mostradas na obra, desde que sejam feitas as adequações necessárias, podem ser um recurso valioso para promover hábitos benéficos às crianças.

As Conversas têm como objetivo auxiliar tanto o professor quanto o aluno; e isso evitará uma objeção que alguns podem levantar, de que os sentimentos não estão exatamente no mesmo nível da capacidade de uma criança. Cada criança requer um modo diferente de tratamento; mas um escritor só pode escolher um, e isso deve ser modificado por aqueles que estão realmente engajados com os jovens em seus estudos (Wollstonecraft, 1788, p. 18, tradução nossa).⁸

Para a autora, é a partir de bons hábitos e boa formação na infância que formamos adultos caridosos e racionais, ideia fortemente influenciada pelos princípios educacionais de John Locke, em especial seu argumento de que a mente de uma criança é uma “folha em branco” (tabula rasa), e que a educação deveria ser um processo de formação cuidadosa dessa mente. Wollstonecraft compartilhou dessa visão, enfatizando a importância de proporcionar experiências educacionais autênticas e estimulantes. É importante ressaltar que a partir da leitura de *Original Stories* conseguimos ter acesso a um esboço das ideias didáticas de Wollstonecraft: ela advoga que o melhor método é o conhecimento ensinado gradualmente e por meio de exemplos.

⁸ The Conversations are intended to assist the teacher as well as the pupil; and this will obviate an objection which some may start, that the sentiments are not quite on a level with the capacity of a child. Every child requires a different mode of treatment; but a writer can only choose one, and that must be modified by those who are actually engaged with young people in their studies (Wollstonecraft, 1788, p. 18).

Conforme Nunes (2021) e Richardson (2012), a influência de *Emílio*, de Rousseau (1762), é expressiva na construção de sua argumentação, e *Original Stories* é uma tentativa de tornar didático o pensamento contido na obra. Ambas as obras defendem o papel ativo do tutor e o uso de diálogos dirigidos para resolução de problemas, além de compreenderem a infância como chave para implementar hábitos a serem praticados na vida adulta.

Logo, percebemos na obra constantes entre ideais e autores referências que acompanharam os escritos da autora. Como única obra infantil acabada, vemos uma tentativa deliberada de moldar a educação moral e intelectual das crianças. Wollstonecraft estava firmemente convencida de que a formação da mente de uma criança deveria ser baseada em princípios de verdade e bondade, e fomentar a emancipação é o bem valioso da educação. Tais ideias foram aprofundadas pela autora em sua obra 'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792).

1.3 A Vindication of the Rights of Men, in a Letter to the Right Honourable Edmund Burke; Occasioned by His Reflections on the Revolution in France (1790)

A Vindication of the Rights of Men foi publicada por Mary Wollstonecraft em forma de panfleto, em 1790, de maneira anônima, e foi uma resposta direta às argumentações defendidas por Edmund Burke na obra 'Reflexões sobre a Revolução na França' (1790). Burke defendia a monarquia, a aristocracia e a Igreja da Inglaterra. Tal obra foi recebida com certo espanto, pois anteriormente o autor era filiado a ideais mais liberais (Partido Whig) e defendeu publicamente a Revolução Americana, logo, sua defesa ao antigo regime foi palco para amplo debate. Ainda de acordo com Burke, a Revolução Francesa deveria ser entendida como um salto irracional e anárquico que rompia com elementos essenciais da civilização.

'Reflexões sobre a Revolução na França' (1790) era vendido por três xelins, valor expressivo para a época, e vendeu 30.000 cópias em dois anos, em comparação com *Os direitos do homem* (1792), de Thomas Paine, que vendeu 200.000, enquanto obra *A Vindication of the Rights of Men* (1790) vendeu aproximadamente 3 mil cópias na primeira tiragem, o que a coloca como um sucesso moderado.

Escrito no curto período de 28 dias e contando com 150 páginas (45 mil palavras), Wollstonecraft, inspirada em Richard Price e na própria Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), ataca tanto o argumento moral de Burke como a forma da sua escrita, pois, segundo a autora, um texto deveria ser simples e direto e não cheio de floreios, ao contrário da escrita característica de Burke.

Em linhas gerais, ambas as obras se inserem no período inglês da Controvérsia da Revolução, de 1789 até 1795, que corresponde ao intenso debate de intelectuais acerca das consequências da Revolução Francesa, dividindo em grupos apoiadores e críticos. Ao imaginarmos esse cenário, observamos que Wollstonecraft e Burke estão em esferas políticas distintas. Ao analisarmos ambas as obras, somos apresentados a visões sociais e políticas divergentes. Burke defende o Antigo Regime, enquanto Wollstonecraft defende valores liberais e de classe média, como a autodisciplina, sucesso via mérito, moralidade e crítica aos privilégios e vícios das riquezas. Na citação a seguir, Wollstonecraft crítica como Burke defende ideais e projetos apenas por sua antiguidade e não por seus benefícios para a sociedade:

É possível, senhor, fazer os pobres mais felizes neste mundo sem priva-los do consolo que o senhor gratuitamente lhes concede no próximo. A reverência que seu oponente tem pela tradição, leva-o a apoiar toda sorte de males tão somente porque existiam no passado. A escravidão era um bom exemplo disso. Deveríamos manter esse comércio hediondo apenas porque ele é “antigo”? (Wollstonecraft *apud* Gordon, 2020, p. 172).

Como dito anteriormente, a primeira publicação obteve um moderado sucesso comercial e um bom sucesso de críticas, e ocupou espaços nos círculos intelectuais da época, e imediatamente é encomendada uma segunda tiragem, na qual, dessa vez constará o nome da autora. Ao ter sua identidade revelada, a recepção e a crítica mudaram de maneira expressiva. Críticos que antes haviam elogiado a obra, passaram a se queixar de suas falhas. Logo, a recepção e circulação da obra oferece elementos interessantes para pensar a apropriação do seu pensamento no século XVII. Horace Walpole, escritor conhecido pela obra gótica ‘O castelo de Otranto’, historiador de arte e ultraconservador, chamou Mary de “hiena de anáguas”. Outros críticos se contentavam em ridicularizá-la:

Os direitos dos homens defendidos por uma bela mulher! A era do cavalheirismo não deve ter acabado, ou os sexos mudaram de atitude [...] lamentamos fazer uma zombaria contra uma bela mulher; mas sempre

fomos ensinados a supor que os direitos das mulheres fossem o tema próprio ao sexo feminino (Gordon, 2020, p. 173).

A primeira reivindicação marca a entrada de Wollstonecraft no terreno da filosofia política e serve de base fundamental para elaborar sua seguinte obra: 'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792). Como Janet Todd afirma, podemos entender o pensamento político de Mary Wollstonecraft como uma longa resposta a Burke e sua defesa à aristocracia e a Rousseau, defensor dos direitos dos homens, mas não necessariamente das mulheres. Dessa maneira, a obra oferece ricos elementos para estruturamos a gênese da sua crítica social e política.

Capítulo 2. 'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792)

Há muito tempo considero a independência a grande bênção da vida, a base de toda virtude; e tal independência quero garanti-la sempre, pela contenção de minhas necessidades, ainda que eu vá viver em uma terra deserta. É, então, um afeto por todo o gênero humano que faz minha pena escrever rapidamente para apoiar o que acredito ser a causa da virtude; e a mesma razão me leva a desejar de modo sincero ver a mulher em uma posição a partir da qual avance, em vez de ser refreada, para o progresso desses gloriosos princípios que dão substância à moralidade (Wollstonecraft, 2016, p. 17-18).

Mary Wollstonecraft publicou em 1792 a obra 'Reivindicação dos direitos da mulher' (*A Vindication of the Rights of Woman*), inspirada pelos ideais iluministas e pelos acontecimentos da Revolução Francesa (1789). Wollstonecraft redigiu duras críticas à situação das mulheres de sua época e concluiu que a minoridade social e intelectual feminina eram resultados da falta de uma escolarização voltada para o desenvolvimento da razão.

Motta (2009) aponta que a obra foi escrita no curto período de seis semanas e repercutiu por toda Europa e Estados Unidos. No próprio ano de publicação, em 1792, foi editada em Paris, Boston, Filadélfia, e houve uma segunda edição em Londres. Em 1793 foi editada em Dublin e, em 1794, ganhou duas novas edições na Filadélfia, sendo que, em 1796, 'Reivindicação' estava na sua terceira edição inglesa e com traduções para o alemão e italiano. Ainda segundo a autora, no espaço de dez anos, o livro foi reeditado sete vezes, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Escócia:

Os estudiosos parecem concordam que o sucesso obtido por vindication à época de suas primeira edições, deve-se ao caráter provocativo e popular do texto. Realmente, a obra de Wollstonecraft tinha todos os componentes para causar alvoroço: era um 'panfleto' popular, com um tema controvertido, lançado num clima propício ao debate de ideais e escrito por uma mulher. Além disso, tratava-se de uma obra de baixo custo, vendida a preço módico (Motta, 2009 p. 59).

A obra de Wollstonecraft mostra nuances da participação feminina no movimento iluminista e no próprio pensar da Revolução Francesa, assim como o acesso e a reivindicação das mulheres à escolarização, pois, em seu pensamento, a escolarização é indissociável do fazer político e da construção de uma nova

República e sociedade. Mary Wollstonecraft foi uma pensadora que sintetiza tal ideal, como podemos observar no trecho abaixo:

Uma profunda convicção de que a educação negligenciada de meus semelhantes é a principal causa da miséria que deploro e de que as mulheres, em particular, são tornadas fracas e infelizes por uma variedade de causas concomitantes, originadas de uma conclusão precipitada. A conduta e as maneiras das mulheres são, de fato, a prova evidente de que a mente delas não se encontra em um estado sadio; pois, tal como as flores plantadas em um solo rico demais, a força e a utilidade são sacrificadas à beleza, e suas folhas garbosas, após agradarem a um olhar exigente, murcham e caem do galho, muito antes de atingirem a maturidade. Atribuo a causa desse florescimento estéril a um sistema de educação falso, extraído de livros sobre o assunto escritos por homens que, ao considerar as mulheres mais como fêmeas do que como criaturas humanas, estão mais ansiosos em torná-las damas sedutoras do que esposas afetuosas e mães racionais. O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes (2016, p. 25).

E, ao ver no próprio discurso revolucionário a justificção para o acesso à escolarização e à participação feminina na sociedade, seu pensamento, dessa forma, é condizente com seu tempo, mas, em seu cerne, é também extremamente revolucionário, pois, segundo Wollstonecraft, a mudança e o aperfeiçoamento moral, assim como o social, só serão conquistados a partir das mudanças promovidas pelas mulheres. Ademais, sua obra trata de outros assuntos além da temática feminina, e Wollstonecraft teceu críticas contundentes à sociedade em que viveu. É a partir da saída da mulher da sua minoridade intelectual e política que será possível uma verdadeira sociedade esclarecida. Podemos traçar paralelos entre sua noção de esclarecimento com a ideia defendida no texto ‘O que é esclarecimento?’, de Immanuel Kant:

Esclarecimento (Aufklärung) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. Sapere aude! Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é portanto a divisa do Esclarecimento (2008, p. 10).

Logo, compreendemos como elemento-base da argumentação da obra a questão da educação como reforma social. James (2016) afirma que ‘Reivindicação’ não é um livro sobre direitos propriamente dito, pois o termo direito,

assim como propostas legislativas ou pragmáticas, é praticamente ausente. Ainda segundo a autora, a obra é um tratado sobre a virtude e advoga por uma mudança civil da sociedade. Tal elemento é importante para pensarmos que muito da argumentação e dos projetos de Wollstonecraft não são esquematizados. Na verdade, somos apresentados a ideais e reflexões para repensarmos o *status quo* da sociedade na qual ela vivia.

Motta aponta que a maioria das obras citadas e comentadas por Wollstonecraft foi tema de estudos da *Analytical Review*. E embora contenha citações e análises da obra *Emílio*, de Rousseau, não há menção a Thomas Paine, William Godwin, Locke ou às obras de Price e Priestley, referenciais fundamentais no pensamento radical da época. Diante de tal característica, Motta e Tomalin consideram ‘Reivindicação’ uma obra de caráter mais jornalístico e de denúncia, com um discurso incisivo e insidioso. Ainda de acordo com as autoras, a qualidade e a novidade do texto não consistem na temática, mas sim na forma argumentativa utilizada por Wollstonecraft.

Segundo Todd, a argumentação de Wollstonecraft é marcada pela digressão de temas e argumentos. Assim sendo, esta dissertação elencou alguns tópicos para análise, sendo o principal o tema sobre a educação e como esse assunto é trabalhado pela autora. Em segundo plano, estudamos qual a definição de independência e virtude e como isso está relacionado ao pensamento educacional.

2.1 O estado de degradação feminina

No império da beleza não há meio-termo,
E a mulher, seja escrava ou rainha,
É rapidamente menosprezada quando não adorada.
(Barbaud *apud* Wollstonecraft, 2016, p. 82)

O estado de degradação e miséria das mulheres é a constatação principal de Wollstonecraft, e compreender seus motivos e as mudanças necessárias para desfazer esse quadro é a espinha dorsal da argumentação da obra ‘Reivindicação dos Direitos da Mulher’. Nela, a autora apresenta de maneira frequente que o estado em que as mulheres se encontram tem causas históricas, sociais e políticas: negligência de direitos e ofertas educacionais inadequadas, associados aos anseios esperados do papel feminino. Em outras palavras, as mulheres, em sua visão, eram criadas para serem belas e agradáveis em detrimento de seres racionais e

virtuosos. Logo, grande parte da crítica construída em sua obra se baseia no papel nefasto do coquetismo na vida das mulheres.

O termo “coquetismo” na obra em questão pode ser definido como uma série de comportamentos associados principalmente às mulheres, envolvendo práticas, modas e atitudes que visavam atrair a atenção e seduzir o sexo oposto. Estava ligado principalmente ao comportamento da aristocracia e a setores mais abastados da sociedade, e, principalmente por tal ligação, foi fortemente criticado no contexto revolucionário do século XVIII.

A moda desempenhou um papel crucial no coquetismo do século XVIII. As mulheres da alta sociedade eram conhecidas por suas roupas e acessórios extravagantes. Vestidos com saias amplas, espartilhos apertados, sapatos de salto alto, uso excessivo de maquiagem (pó branco e *rouge*) e acessórios ornamentados eram características comuns. Como aponta Gordon (2020), a beleza e a moda serviam para refletir a posição social. O ser belo estava atrelado a quantos recursos uma pessoa poderia despender para alcançar tal objetivo.

Dessa maneira, o coquetismo foi debatido e criticado por pensadores contrários aos ideais do Antigo Regime, como é ilustrado a seguir nas Figuras 2 e 3, em que vemos sátiras ao coquetismo. Tais ilustrações eram frequentes nos panfletos que circulavam durante a Revolução Francesa.

Figura 2 – The Lady's maid or The toilet head dress (1776), autor anônimo



Figura 3 – Ilustração sobre o penteado de Maria Antonieta (1789), autor anônimo



Wollstonecraft utilizou o termo “coquetismo” para criticar tanto o comportamento feminino como para tecer críticas à afetação da aristocracia. Para a autora, o coquetismo mantém as mulheres em um estado de infantilidade, provocando um estado inatural, uma vez que a Providência dotou todos os seres humanos de virtudes e exercício do entendimento. Todavia, o fato de as mulheres terem apenas como ambição o casamento e a atração da atenção masculina faz com que sejam preteridas de exercer o uso da razão. Nas palavras de Wollstonecraft: “tendem a degradar metade da espécie humana e a tornar as mulheres agradáveis às custas de toda sólida virtude” (Wollstonecraft, 2016, p. 42-43)

A vulnerabilidade econômica e social das mulheres é uma preocupação recorrente nos escritos da autora, pois elas, ao não possuírem direito à herança e a exercerem boas profissões, são relegadas à necessidade de conseguirem um bom casamento ou a viver da caridade de parentes:

As meninas que são educadas dessa maneira frágil com frequência são cruelmente deixadas pelos pais sem qualquer bem e, claro, dependem não só da razão, mas também da liberdade de seus irmãos. Estes são, para considerar o lado mais justo da questão, bons homens e lhes dão como se fosse um favor o que filhos dos mesmos pais têm em igualdade de direitos. Nessa situação equívoca e humilhante, uma mulher dócil pode permanecer algum tempo com um grau tolerável de bem-estar. Porém, quando o irmão se casa – uma circunstância provável –, ela passa de dona da casa a uma intrusa vista às avessas, um fardo desnecessário sobre a benevolência do dono da casa e de sua nova companheira. Quem pode descrever os tormentos que muitos seres desafortunados, cuja mente e cujo corpo são igualmente frágeis, sofrem em tais situações, incapazes de trabalhar e com vergonha de pedir? (Wollstonecraft, 2016, p. 92).

Para além desse cenário de vulnerabilidade, as mulheres são desde muito cedo relegadas facilmente à desonra, pois sem educação e direitos não há aparatos que auxiliem a emancipação feminina. Por isso, afirmou a autora: “É de justiça, não de caridade, que o mundo necessita” (Wollstonecraft, 2016, p. 100).

Esse panorama de degradação feminina interrompe o progresso da humanidade, pois, segundo a autora, enquanto metade da raça humana for mantida em um estado de perpétua infantilidade, não será possível o progresso do conhecimento e da virtude. Os destinos dos homens e das mulheres são compartilhados, e enquanto não houver uma real igualdade para todos, tal mudança não será realizada.

Como seres criados para a sensação e não para a razão, as mulheres tampouco podem participar ativamente dos rumos políticos. A participação cidadã das mulheres é pensada a partir do bom desenvolvimento dos papéis sociais femininos: mães e esposas. É necessária a emancipação intelectual e política da mulher para que ela exerça sua contribuição na sociedade. A situação histórica em que a obra foi escrita, Wollstonecraft não julga as mulheres capazes de serem aptas aos seus deveres e, por consequência, a desfrutarem de seus direitos. Logo, elas são privadas da vida pública e cidadã. Como aponta Nunes (2021):

Sendo assim, para Wollstonecraft só quando os direitos naturais estivessem assegurados, isto é, começando pelo desenvolvimento da razão, todos os outros direitos – políticos e civis, por exemplo –, viriam na sequência. Mais importante do que garantir tais direitos, é indispensável que as mulheres os compreendam, bem como tenham em mente que direitos implicam em deveres. Melhor dizendo, só assim, com a racionalidade desenvolvida e, portanto, direitos assegurados, é que as mulheres poderiam ser cidadãs em seus Estados (p. 24).

Portanto, para Wollstonecraft, é necessário, em primeiro lugar, a emancipação da mulher, para que alcance o bom uso da razão, e somente isso

torna possível sua inserção política e social. Em confluência ao contexto histórico em que é escrita, 'Reivindicação dos direitos da mulher' associa amplamente a relação entre acesso à educação e acesso à política, de forma a ter como central a ideia de que uma sociedade só funcionaria perfeitamente se fosse firmada sobre pilares racionais.

2.2 Virtude e independência

Na obra 'Reivindicação dos direitos da mulher', Wollstonecraft se define como filósofa e moralista. Ao analisarmos sua argumentação, vemos que os conceitos de "razão", "virtude" e "conhecimento" são as bases de seu projeto filosófico.

A razão, na definição da autora, é o poder do aperfeiçoamento, ou melhor, o poder de discernir a verdade:

O estame da imortalidade, se me permitem a expressão, é a perfectibilidade da razão humana; pois, se o homem fosse criado perfeito ou se, ao atingir a maturidade, surgisse dele um fluxo de conhecimento que impedisse o erro, eu duvidaria da continuidade de sua existência após a dissolução do corpo. Mas, no estado atual das coisas, cada dificuldade quanto à moral que escapa à discussão humana e desconcerta a investigação do pensamento profundo, assim como a brilhante intuição do gênio, é um argumento sobre o qual construo minha crença na imortalidade da alma (2016, p. 78-79).

A virtude, segundo Wollstonecraft, é dada pela Providência a todos os seres humanos, sem diferença de gênero, e pode ser entendida como o uso correto da razão e regulação de nossas sensibilidades. É pela virtude que nos elevamos. Para ela, a virtude é mais notória nos homens de classe média.

Habilidades e virtudes são absolutamente necessárias para tornar notórios os homens de classe média, e a consequência natural é evidente – a classe média possui mais virtudes e habilidades. Os homens têm, assim, em uma categoria, pelo menos, a oportunidade de se empenhar com dignidade e de se elevar por meio dos esforços que realmente aperfeiçoam a criatura racional; mas o sexo feminino como um todo, até que seu caráter esteja formado, está nas mesmas condições que os ricos, porque nasceu – falo agora de um modo de ser da civilização – com certos privilégios sexuais e, enquanto as mulheres receberem as coisas gratuitamente, poucas pensarão em trabalhar com afincos para obter a estima de um pequeno número de pessoas superiores (2016, p. 83).

Se os homens da classe média são mais inclinados à virtude por seu esforço e vontade de aperfeiçoamento, o mesmo, segundo a autora, não é visto entre as mulheres de classe média, pois elas tentam apenas emular os comportamentos e vestimentas das classes abastadas, e não utilizam o trabalho e o esforço para se

aperfeiçoarem. Para Wollstonecraft, tal comportamento é visto mais frequentemente entre as mulheres mais pobres. Desse modo, a pensadora vai de confluência ao pensamento liberal da época ao entender que o trabalho árduo é essencial no aprimoramento da virtude. Não podemos, considerar um ser virtuoso, aquele que as virtudes não resultam no exercício da própria razão (Wollstonecraft, 2016, p. 43).

A independência provém da virtude, ou seja, do uso correto da razão. O caráter independente curva-se apenas diante da autoridade da razão, logo, a situação feminina e uma sociedade regidas pelos princípios aristocráticos são contrários à independência, razão e virtude. Por meio desses argumentos, Wollstonecraft advoga pela necessidade de reforma dos modos e mentes dos indivíduos.

2.3 Circulação e recepção do pensamento de Mary Wollstonecraft no Brasil

Esta seção da dissertação visa apresentar um breve panorama da recepção e circulação do pensamento de Mary Wollstonecraft no Brasil, em especial sua obra 'Reivindicação dos direitos da mulher' (1792). Para tal, foram utilizados pressupostos e conceitos da história do livro e da cultura. O objetivo consiste em entender como, desde o contexto de publicação da obra, ocorre sua travessia e seu conteúdo. Em um segundo momento, foi analisado o cenário de estudos acadêmicos sobre a autora, com a finalidade de compreender como a temática foi estudada.

Do contexto histórico e social de escrita e publicação da obra até a travessia para o Brasil há uma complexa teia de fatores de tradução, circulação e apropriações de ideais. Existem aspectos nebulosos sobre a recepção das obras de Wollstonecraft no Brasil, no que tange à figura de Nísia Floresta (1810-1885). Floresta, conhecida por seus escritos e trajetória feminista, definiu o seu trabalho 'Direitos das mulheres e injustiça dos homens' (1832) como uma tradução da obra 'Reivindicação dos direitos da mulher'.

Pallares Burke (1996) cita que a ideia original era estudar a tradução de Nísia Floresta confrontando com o original em inglês de Wollstonecraft. Sua hipótese era que, ao traduzir Wollstonecraft, Nísia adaptou argumentos próprios ao contexto brasileiro. Todavia, ao notar que o texto de Nísia não tinha nenhuma

menção a Rousseau, figura central no texto de Wollstonecraft, a pesquisadora descobriu que a tradução de Nísia era referente a outra obra.

Logo, como Pallares Burke (1996) afirma, tal obra trata-se, na verdade, de um “duplo plágio”, ou seja, o texto de Nísia Floresta consiste na tradução do texto *Woman not inferior to men*, de Sophia Person of Quality (pseudônimo), que, por sua vez, é um plágio do livro de François Poulain de la Barre (1673), *De l'égalité des deux sexes*. No texto ‘A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta’ (Pallares-Burke, 1996), a pesquisadora esmiúça sua jornada de pesquisa historiográfica e descoberta de tal plágio.

Para concluir, pode-se dizer que a travessura literária de Nísia Floresta—ou seja, sua astúcia em romper com as regras convencionais do mundo das letras para enfrentar mais diretamente questões sociais prementes—foi responsável por uma daquelas felizes ironias da história. Num atrasado país, recém-saído do regime colonial, ressurgia a obra revolucionária de Sophia que, há quase cem anos – desde sua segunda edição de 1743 – se achava devidamente apagada da história europeia. A atualidade deste texto é de tal monta, diz um estudo feminista recente, que se não tivesse desaparecido por quase duzentos e cinquenta anos é de se supor que outra teria sido a história das mulheres. Foi, no entanto, numa terra distante e selvagem, aos olhos do europeu civilizado, e povoada por sinhazinhas pretensamente dengosas e indolentes, que se podia ler o tratado subversivo que, na metrópole, permaneceria ainda por longo tempo esquecido (Pallares-Burke, 1996, p. 191).

Em reportagem publicada em 2020, a autora afirma que, após três anos da publicação deste texto, descobriu que a tradução de Nísia Floresta tinha fortes marcas da publicação francesa de *Woman Not Inferior to Man*. A edição francesa de 1826 era uma reedição desse mesmo tratado, de autoria de Sophia Person (publicado em 1750), todavia, fora publicado como uma tradução livre, com autoria atribuída a Miss Godwin.

Fica evidente, ainda, que as poucas alterações no texto de Sophia, que eu inicialmente atribuída à criatividade de Nísia Floresta, eram da tradução francesa. Dela mesmo, pode-se agora seguramente afirmar que não há quase nada no texto traduzido, salvo mínimas modificações causadas por erros. Um exemplo: ela traduziu os “aveugles sectateurs de Descartes” da versão francesa (“blind followers of Descartes”, no original em inglês de Sophia) como “secretários de Descartes (Pallares-Burke, 2020).

Tal equívoco produziu um ruído a respeito do nome de Mary Wollstonecraft no Brasil, como apresenta Campoi e Massuia (2016). Apesar do estudo de tais fatos ser de grande potencial para entendermos os fluxos e trocas de ideias entre Brasil e Europa, não há pesquisas mais aprofundadas sobre eles até o momento. Dessa

forma, ao pensarmos as relações entre história e leitura, somos apresentados à complexa problemática de como reconstituir e analisar as práticas de leituras, de como abarcar essa polissemia de leituras em sua historicidade e em que medida podemos investigar e propor uma história da leitura.

A primeira tradução oficial da obra 'Reivindicação dos direitos da mulher' no Brasil foi feita por Ivania Motta, em 2009, a partir da segunda edição inglesa, e publicada pela Annablume sob o título: 'A importância de ser Mary: análise e tradução do livro *A vindication of the rights of woman*'. Motta (2009) aponta a escolha da segunda edição para tradução: "Wollstonecraft teve a chance de revisar seu trabalho original, no intervalo entre as duas primeiras edições londrinas. Por isso, a segunda edição como o texto deveria ser lido" (Motta, 2009, p. 58).

A edição da Annablume conta com uma contextualização histórica e análise da obra. A tradução de Motta foi publicada também na edição de 2016 de 'Reivindicação dos direitos da mulher', pela editora Boitempo. A segunda tradução disponível no país data de 2015, pela editora Edipro, e foi realizada por Andreia Reis do Carmo. Essa tradução também foi republicada em 2012 pela coleção *Folha Os Pensadores*.

Com exceção das duas traduções citadas da obra *Reivindicação* e da tradução de 'Reflexões sobre a educação de filhas', feita por Débora de Oliveira, as demais obras da autora ainda permanecem sem tradução e edição oficial no país. Tal constatação é confluyente ao analisarmos que embora tenha aumentado o interesse de pesquisas e artigos sobre Wollstonecraft, tais estudos são centrados na obra 'Reivindicação'. Importante mencionar que outros estudos e traduções sobre o conjunto da obra de Wollstonecraft ainda permanecem pouco explorados. Os estudos acadêmicos sobre a autora no Brasil são escassos e esparsos, sendo, em suma, artigos, quase sempre com ênfase no estudo da obra 'Reivindicação dos direitos da mulher' em detrimento de outras obras da autora.

Além disso, os apontamentos realizados por Pallares-Burke (2020) tornam-se ainda mais relevantes uma vez que ainda é perceptível a divulgação da figura de Nísia Floresta como tradutora de Wollstonecraft. Podemos citar, como exemplo disso, as obras de Araújo (2011), Schumacher e Brazil (2000) e Gonçalves (2007), Constância Lima Duarte (1995), entre outros. Esse é um dos fatores que nos mostram a relevância e atualidade desse debate.

A seguir, após apresentar a complexidade da obra ‘Reivindicação dos direitos da mulher’, de Mary Wollstonecraft, escrita em um contexto histórico revolucionário e envolvida em uma ampla gama de ideias e conceitos, iremos abordar a travessia dela para o Brasil, tendo em vista sua circulação e recepção. Assim, pensaremos em como uma obra publicada em um contexto histórico social tão específico chega ao Brasil, por meio de traduções de idioma e cultural. Como aponta Goulemot (2009):

Por história cultural entendo a história política e social, que, sem que sejamos seus autores, trabalha aquilo que nós lemos. (...) A história, aceitemos ou não, orienta mais nossas leituras que nossas opções políticas (...). Podemos, dessa maneira, escrever a história de gerações através daquela de suas leituras dos grandes textos literários e retomar, com um novo conteúdo, as teses já arcaicas de Thibaudet, não mais sobre as gerações da época dos escrivães, mas dessa vez sobre as de leitores e do trabalho do sentido (p. 110).

Dessa forma, ao pensarmos as relações entre história e leitura, somos apresentados à complexa problemática de como reconstituir e analisar as práticas de leituras, de como abarcar essa polissemia de leituras em sua historicidade e em que medida podemos investigar e propor uma história da leitura.

O ofício do historiador está atrelado aos vestígios históricos, como aponta Chartier (2015, p. 105). Reconstruir a leitura permitida pelo impresso não é narrar a leitura efetuada, ou definir como todos os leitores leram, ou, ainda, se leram como o desejado. O conhecimento dessas práticas de leituras sempre será plural e inacessível: “pois nenhum arquivo guarda seus vestígios. Com maior frequência, o único indício do uso do livro é o próprio livro. Disso decorre também sua imperiosa sedução”.

Ainda sobre essa questão podemos pensar a partir de Darnton:

Em suma, há de ser possível desenvolver uma história, bem como uma teoria da reação do leitor. Possível, mas não fácil, pois os documentos raramente mostram os leitores em atividade, modelando o sentido a partir dos textos, e os próprios documentos também são textos, o que requer interpretação. Poucos têm uma riqueza tal que possa fornecer um acesso, mesmo que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura, e um ou outro caso excepcional talvez não seja suficiente para se reconstruírem as dimensões internas dessa vivência. Mas os historiadores do livro já trouxeram à luz grandes quantidades de informações sobre a história externa da leitura. Tendo-a estudado como um fenômeno social, eles podem responder a muitas perguntas sobre ‘quem’, ‘o quê’, ‘onde’ e ‘quando’, o que pode ser de grande auxílio para tratar as perguntas mais difíceis sobre os ‘comos’ e os ‘porquês’ (1990, p. 149).

Dessa maneira, segundo Chartier (2015) e Darnton (1990), devemos pensar a história do livro a partir de uma história social, que pensa a materialidade da obra em relação às conjunturas sociais, culturais e históricas, e tendo no horizonte essas especificidades do estudo da leitura. Compreender essas nuances sobre a história do livro e da leitura é relevante para analisarmos os processos de circulação e recepção de obras e autores, e também propicia ferramentas para entendermos e contextualizarmos o processo de publicação e travessia, no caso da obra 'Reivindicação dos direitos da mulher' até o território brasileiro

Ao pensarmos, em consonância com Goulemot (2009), que nossas leituras são marcadas pela temporalidade na qual vivemos, constatamos que uma história das leituras e recepção do pensamento de Mary Wollstonecraft é um vasto terreno inexplorado para refletirmos sobre questões relativas à apropriação e a distorções de sua obra. Embora os estudos sobre a autora ainda estejam dispersos, conseguimos notar mais interesse e estudos a respeito desse tema nos últimos anos, o que demonstra ser esse um terreno fértil para pesquisas e um campo de estudo em expansão.

Capítulo 3. O Projeto Educacional de Mary Wollstonecraft

Na virada do século XVII para o XVIII, a educação feminina ganha mais relevância no debate educacional, e vemos uma proliferação dele em muitos gêneros literários, entre eles, novelas, comédias e na literatura epistolar. Como exemplo dessas publicações podemos citar Molière, em *Les Précieuses Ridicules* (1659) e *Les femmes Savantes* (1672); Poulain de La Barre, em 'Tratado da igualdade entre os dois sexos' (1679); Choderlos de Laclos, em 'Educação das mulheres' (1783); e Mary Astell, em *A Serious Proposal to the Ladies* (1694).

Como expõe Sonnet (1992):

As luzes acreditam na pedagogia. É-lhe conferido o poder de moldar um ser social novo, despojado dos preconceitos antigos e revestido dos novos princípios. Esta evolução parece, no entanto, comprometida enquanto as mulheres recebem uma educação tão aleatória. Mães dos homens novos, elas serão também as suas primeiras educadoras e deterão por isso o segredo de uma regeneração duradoura (p.149).

Todavia, a grande maioria dos escritos sobre educação no século XVII era voltada à educação de meninos, sendo a educação das meninas um assunto apêndice. A educação, portanto, não era pensada como algo comum a todos os seres humanos.

Como exemplo desse fato, Rousseau escreveu as primeiras quatro partes da obra *Emílio* sobre a educação de Emílio, sendo apenas na quinta parte, ao discutir a fase dos 20 aos 25 anos, que aborda o papel de Sofia, sua companheira ideal, e a educação de uma mulher ideal. Nela, Rousseau afirma:

Assim, toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres da mulher em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância (2014, p. 527).

Dessa maneira, a proposta de educação para Sofia tem por objetivo que ela seja bela, dócil e agradável e, nesse contexto, sua ignorância seria adorável. Para Rousseau, são necessários modelos de educação diferentes para homens e mulheres, de modo a produzir indivíduos que desempenhem papéis distintos na sociedade. Como Todd (2000) afirma, Rousseau defende algo inato nas crianças e no gênero, logo, a razão não é partilhada. De acordo com o próprio Rousseau:

Uma vez que se demonstrou que o homem e a mulher não são e nem devem ser constituídos da mesma maneira, nem quanto ao caráter, nem quanto ao temperamento, segue-se que não devem ter a mesma educação.

Segundo as direções da natureza, devem agir de concerto, mas não devem fazer as mesmas coisas; o fim do trabalho é comum, mas os trabalhos são diferentes e, por conseguinte, os gostos que os dirigem (2014, p. 524-525).

Rousseau foi de grande influência tanto para a argumentação de Wollstonecraft como para Talleyrand-Périgord que, em sua reforma educacional republicana na França revolucionária, em 1791, escreveu: *Rapport sur l' instruction publique fait au nom du Comité de Constitution*. Neste artigo, Talleyrand preconiza uma educação privada para as meninas, que só poderiam ser admitidas nas escolas primárias até os 8 anos de idade. No caso das meninas que não pudessem ser educadas em casa, elas seriam educadas em escolas para meninas (*maison d'éducation pour les filles*). Em ambos os casos, a educação feminina deveria ser voltada para o ensino de virtudes para a vida doméstica, e manejo dos cuidados da casa e da família.

Ao dedicar 'Reivindicação' a Talleyrand, Wollstonecraft aponta as limitações desses ideais educacionais, pois, como afirma na introdução, tal tema foi tratado de maneira superficial e omissa. A autora também apresenta uma característica mais reformadora, ao ver a educação como um projeto político de reforma social. Dessa maneira, a obra faz uma defesa enfática do direito à educação como condição essencial para a cidadania das mulheres, sendo necessário reformular o modelo de educação e de criação das crianças. A seguir, abordamos o projeto educacional e de dever dos pais apresentado por Wollstonecraft.

3.1 Afeto e dever dos pais

Por que deveria a mente das crianças ser deformada quando mal começa a se expandir, apenas para favorecer a indolência de pais que insistem em um privilégio sem estar dispostos a pagar o preço fixado pela natureza? Tive anteriormente ocasião de observar que um direito sempre inclui um dever e acredito que da mesma forma pode ser inferido de modo justo que perderá o direito quem não cumprir o dever.

(Wollstonecraft, 2016, p. 202)

Para Wollstonecraft, a primeira infância com sua especificidade e necessidade é primordial na formação do ser humano racional e feliz. Por isso, a autora critica a negligência dos pais no cuidado infantil, uma vez que estes eram a favor do direito à obediência e à autoridade paterna, mas pouco ativos no dever de promover uma infância sadia. Essa temática perpassa os diversos textos da autora em dois textos inacabados e publicados postumamente: *Fragment of Letters on the*

Management of Infants e Hints. Neles, somos apresentados à importância da amamentação, à necessidade do asseio no cuidados de bebês e crianças, à censura do uso de faixas ou outras formas de restringir a movimentação corpórea de bebês e a uma defesa de como o contato com a natureza e a atividade física das crianças fortalecem o corpo e a mente.

Em 'Reivindicação' tais ideias também estão presentes:

Por todo o reino animal, as jovens criaturas têm uma necessidade quase contínua de exercício, e a infância das crianças, segundo essa afirmação, deveria ser passada em cambalhotas inofensivas que exercitassem os pés e as mãos, sem que se exigisse delas contínua atividade mental nem fosse indispensável a atenção constante de uma ama. De fato, o cuidado necessário com a autopreservação é o primeiro exercício natural de entendimento, da mesma forma que as simples invenções para o entretenimento desenvolvem a imaginação. Mas tais sábios desígnios da natureza são neutralizados por afetos equivocados ou zelos cegos. A criança não é deixada sozinha nem por um minuto (Wollstonecraft, 2016, p. 65).

Wollstonecraft destaca que o excesso de zelo vigilante, assim como a limitação dos movimentos corporais, são mais intensos na criação das meninas. É importante ressaltar que, ao escrever sobre esse tema, a autora descreve as diferenças de criação de meninos e meninas e como essa diferença é a geradora das diferenças sociais de ambos os gêneros. As meninas são criadas sem a possibilidade de exercer atividades enérgicas e afastadas do conhecimento e, por isso, se tornam mulheres frágeis de corpo e mente.

A autora segue apontando os equívocos que os pais cometem com os filhos. Critica a exigência parental ao demandar obediência cega, pois a única obrigação do ser humano é de seguir e responder à própria virtude. Exigir a obediência apenas por ser um pai/mãe acarreta a destruição da mente e prepara as crianças para uma submissão servil a qualquer poder que não seja emanada da razão.

Mas subjugar um ser racional à simples vontade do outro, quando aquele já está em idade de responder à sociedade por sua própria conduta, é um excesso de poder muito cruel e indevido e talvez tão pernicioso para a moral quanto esses sistemas religiosos que não permitem a existência do certo e do errado, senão na vontade Divina (Wollstonecraft, 2016, p.196).

Para embasar sua argumentação, Wollstonecraft cita John Locke: "se a mente for controlada ou humilhada em demasia nas crianças, se seu entusiasmo for muito rebaixado ou enfraquecido por uma mão severa demais, elas perdem todo seu vigor e sua engenhosidade" (Wollstonecraft, 2016, p. 198). Por conseguinte, para o fortalecimento da mente e do coração da criança, sua criação não deve ser humilhante ou exigir sujeição irrestrita.

A autora continua nessa linha de pensamento ao dizer que as meninas são criadas de maneira muito mais severa e punitiva que os meninos. A obrigação esperada das meninas é proveniente muito mais de um senso de propriedade e acato ao decoro, e ao serem criadas dessa maneira, criam mulheres “preparadas para a escravidão do matrimônio” (Wollstonecraft, 2016, p. 197). É pela criação familiar e social que as mulheres são frágeis e submissas e não algo inato à natureza feminina. A irregularidade da autoridade parental é a primeira ação a danificar a mente dos jovens e as mulheres são mais afetadas por tal irregularidade.

Tal argumentação é relevante ao pensarmos o próprio papel social das mulheres: Wollstonecraft afirma que parece um consenso na humanidade, que crianças devem ser cuidadas pelas mulheres durante a infância. Todavia, com uma criação tão precária, que ressalta as sensibilidades em detrimento da razão, as mulheres não estão aptas ao cuidado das crianças, pois oscilam entre a indulgência e a tirania, comportamentos muito distantes que a educação requer, que é um olhar sóbrio e calcado na razão. Por conseguinte, somos apresentados à problemática de como criar para a racionalidade e o equilíbrio de temperamento, quando as principais cuidadoras são moldadas para comportamentos tão afetados e sentimentais.

Ao denunciar esses aspectos, a autora propõe uma nova maneira de olhar e pensar a infância, pois entende que os vícios dos adultos são formados na infância. A pouca atenção que essa etapa da vida recebia, aliada a uma formação rígida em demasia, causa o estado social e político obscuro e sem as condições necessárias de promover a razão e virtude para toda a humanidade. É pelo cuidado educação não distinção de gênero e exemplo parental que formamos verdadeiros adultos aptos ao exercício da sua criticidade e cidadania.

3.2 Sobre a educação individual e nacional

Um homem não pode refugiar-se em um deserto com seu filho e, se o fizesse, não poderia retroceder à infância e tornar-se o amigo e companheiro de brincadeiras adequado para um menino ou um jovem. E as crianças, quando são confinadas à companhia de homens e mulheres, adquirem cedo aquela espécie de maturidade prematura que detém o crescimento de todo vigoroso poder da mente ou do corpo. A fim de abrir suas faculdades, elas deveriam ser estimuladas a pensar por conta própria, e isso só pode ser feito misturando-se algumas crianças e fazendo-as perseguir os mesmos objetivos (Wollstonecraft, 2016, p.205).

No capítulo “Sobre a Educação Nacional”, *Wollstonecraft* julga que a escola está configurada em uma “estufas de vícios e loucuras, e o conhecimento da natureza humana, que deveria ser obtido, é apenas egoísmo astuto” (Wollstonecraft, 2016, p. 202). A autora apresenta que as formas de escolarização disponíveis na Inglaterra, a educação privada e os internatos, falham em fazer homens cidadãos: no caso da educação privada, gera glutões e desleixados, seres arrogantes e ociosos que mais tiranizam os criados do que estudam; quanto aos internatos, a perspectiva de férias produz um ânimo instável, sendo o maior divertimento dos meninos mais novos as travessuras, e o dos mais velhos, o vício.

Os professores são “dependentes dos caprichos dos pais, pouco pode ser esperado deles, além do que é necessário para agradar as pessoas ignorantes” (Wollstonecraft, 2016, p. 207). Promovem o que a autora denomina “estudos de afetação”, para impressionar os pais das crianças durante as férias, e esse cenário produz mais danos à mente do que uma educação que promova o cultivo da mente. Para Wollstonecraft, falta à escola proporcionar experiências para as crianças, pois o conhecimento é proveniente do trabalho e não da memorização, pois, nas palavras da autora:

A memória é sobrecarregada com palavras ininteligíveis para que se faça uma exibição sem que o entendimento tenha adquirido qualquer ideia precisa; mas somente a educação que ensina os jovens a começar a pensar merece ser chamada com ênfase de cultivo da mente. Não se deveria permitir à imaginação corromper o entendimento antes que este ganhasse força, senão a vaidade se tornaria precursora do vício – qualquer forma de exhibir os conhecimentos adquiridos pelas crianças é prejudicial ao seu caráter moral (Wollstonecraft, 2016, p. 211).

Ademais, os professores dependem dos pais para a sua própria subsistência, o que cria uma conjuntura em que as escolas concorrem entre si para atrair a atenção dos pais e ter cada vez mais estudantes, o que faz das escolas privadas um ambiente hostil para o ensino, que é eclipsado pela necessidade de manter a instituição e lucrar, como afirma a autora:

Nas escolas mais bem dirigidas, porém, nas quais não se abarrotam alunos, diversos maus hábitos são adquiridos; nas escolas comuns, o corpo, o coração e o entendimento são igualmente tolhidos, pois os pais muitas vezes procuram apenas a escola mais barata, e o diretor não poderia viver se não aceitasse um número maior de alunos do que pode controlar – nem o salário exíguo recebido com a mensalidade paga por cada criança lhe permitiria contratar auxiliares suficientes para assisti-lo no desempenho básico do trabalho. Além disso, seja qual for a aparência da casa e do jardim, as crianças não desfrutam do conforto de nenhum deles, pois são continuamente lembradas por restrições maçantes de que não

estão em seu próprio lar, e os compartimentos, o jardim etc. devem ser conservados em ordem para a recreação dos pais, que aos domingos visitam a escola e ficam impressionados com a própria ostentação que torna incômoda a situação dos filhos (Wollstonecraft, 2016, p. 212).

Diante desse panorama, a autora defende um modo de educação que combine a educação pública com a privada, e a necessidade de instituir escolas nacionais e diurnas adequadas. Wollstonecraft preconiza uma escola pública com o princípio básico de formar bons cidadãos, estimulando as afeições e virtudes públicas, sendo tais princípios estruturados primeiramente na família e na vida privada. Desse modo, há um diálogo entre o público e o privado, a escola e a sociedade, em que primeiro ocorre a formação do sujeito privado e depois o estabelecimento do sujeito público e cidadão.

A partir dessa linha de pensamento, somos apresentados à argumentação principal da autora, que consiste na educação mista, ou seja, meninos e meninas estudando juntos, para que ambos estabeleçam virtudes e afetos em comum:

Se o matrimônio é o cimento da sociedade, toda a humanidade deveria ser educada segundo o mesmo modelo, caso contrário, a relação entre os sexos nunca merecerá o nome de companheirismo nem as mulheres cumprirão as obrigações próprias de seu sexo, até que se tornem cidadãs ilustradas, até que sejam livres, capazes de ganhar sua própria subsistência, independentemente dos homens; do mesmo modo, quero dizer, para evitar interpretações errôneas, que um homem é independente de outro. Mais ainda, o matrimônio nunca se conservará como algo sagrado até que as mulheres, sendo criadas junto com os homens, estejam preparadas para ser suas companheiras em vez de suas amantes, já que a face mesquinha da astúcia sempre as tornará desprezíveis, enquanto a opressão as fará tímidas. Tão convencida estou dessa verdade que me aventurarei a predizer que a virtude nunca prevalecerá na sociedade, até que as virtudes de ambos os sexos sejam fundamentadas na razão e os afetos comuns a ambos possam obter sua devida força mediante o cumprimento dos deveres mútuos (Wollstonecraft, 2016, p. 214).

Para alcançar essa finalidade, o governo, segundo Wollstonecraft, deve manter escolas diurnas abertas e gratuitas para todas as classes, com meninos e meninas lado a lado. As crianças devem conviver com os de idade semelhante em um ambiente que priorize a procura da informação, o que estimula na juventude as sementes de todos os afetos, sendo a igualdade a base.

A autora teoriza que a organização das escolas ficariam a cargo de um comitê de mestres selecionados por cada paróquia, e qualquer queixa ou negligência deveria ser assinada por seis pais de estudantes. Tal organização evitaria a necessidade de auxiliares:

Os auxiliares, então, seriam desnecessários, já que acredito que a experiência sempre demonstrará que essa espécie de autoridade subordinada é particularmente prejudicial para a moral dos jovens. O que, de fato, pode tender a depravar o caráter mais do que a submissão externa e o desprezo interno? Além disso, como se pode esperar que os meninos tratem um auxiliar com respeito, quando o mestre parece considerá-lo um criado e quase favorece o ridículo, que se torna o principal divertimento dos meninos durante as horas de recreio? (Wollstonecraft, 2016, p.217).

A autora propõe que, para estudantes com idades de cinco a nove anos, a escola deve ser completamente gratuita para todos, ricos ou pobres. O uso do uniforme seria obrigatório para evitar distinções sociais ou vaidades, e todos os estudantes estariam submetidos à mesma disciplina sob pena de deixar a escola. As salas de aula são imaginadas rodeadas por uma vasta extensão de terreno, onde as crianças poderiam realizar exercícios e desenvolver os sentidos, não devendo ser submetidas a mais de uma hora seguida de atividade sedentária.

É preconizado também por Wollstonecraft um esboço de currículo com aulas de botânica, mecânica, astronomia, leitura, escrita, aritmética, história natural e alguns experimentos simples na filosofia natural, fundamentos de religião, história, história do homem e política. Tais conteúdos deveriam ser ensinados por meio conversações no estilo de diálogos socráticos.

Após os nove anos, meninas e meninos poderiam continuar a educação formal ou serem encaminhados a outra escola focada no ensino de tarefas domésticas ou ofícios mecânicos. Tal “destinação” seria de acordo com os talentos de cada um. No período da manhã, meninos e meninas estudariam juntos, e à tarde cada qual estudaria um ofício, sendo destinado às meninas o aprendizado de trabalhos simples, como confecção de mantas e chapéus, a fim de permití-las uma futura independência financeira.

Para os jovens com habilidades educacionais ou fortuna, seriam ensinados línguas vivas e mortas, ciências, história, política e literatura refinada. Como atividades recreativas, poderiam ser oferecidas danças, música e desenho. Os jovens de fortuna ficariam nessa escola até a maioridade, enquanto os jovens designados às profissões poderiam frequentar semanalmente de três a quatro manhãs para completarem sua formação.

Quanto às punições, Wollstonecraft propõe que fiquem nas mãos dos próprios estudantes:

Eles deveriam ser julgados por seus colegas, o que seria um método admirável para fixar na mente princípios íntegros de justiça e poderia ter um

efeito mais feliz sobre o temperamento, que é muito cedo azedo ou irritado pela tirania, até que se torne impertinente astuto ou ferozmente arrogante (Wollstonecraft, 2016, p.220).

A autora não aborda com maiores detalhes como seria a seleção e a proporção de estudantes para cada escola, e reitera ao longo do capítulo que esse projeto educacional consiste em um esboço a ser pensado e trabalhado em sociedade. Mas reafirma com ênfase que tal projeto escolar firma “escolas de moralidade”, que seriam responsáveis por uma sociedade feliz, pois só se é livre e feliz na proporção da própria virtude. Nas palavras de Wollstonecraft:

Minhas observações sobre a educação nacional são, obviamente, sugestões; desejo sobretudo reforçar a necessidade de se educarem os dois sexos juntos, para que ambos se aperfeiçoem, e de se fazer com que as crianças durmam em casa, para que possam aprender a amar o lar; contudo, para que os afetos privados apoiem os públicos, em vez de sufocá-los, elas devem ser mandadas à escola para que se relacionem com seus semelhantes, pois somente pelos confrontos de igualdade podemos formar uma opinião justa de nós mesmos (Wollstonecraft, 2016, p.223).

Em seu projeto nacional, a autora defende, assim como em sua obra anterior *Original Stories* (1788), a importância do cuidado aos animais como um exercício de compaixão a todas as criaturas vivas:

Essa crueldade habitual é primeiramente vista na escola, onde um dos raros esportes dos meninos é atormentar os infelizes animais que cruzam seu caminho. A transição, quando eles crescem, da barbárie para com os animais à tirania doméstica sobre as esposas, as crianças e os empregados é muito fácil. A justiça, ou mesmo a benevolência, não será uma causa de ação eficaz, a menos que se estenda a toda criação; mais ainda, creio que possa ser considerado um axioma o fato de que aqueles que podem ver a dor sem se comover logo aprendam a infligi-la. (Wollstonecraft, 2016, p.222)

O capítulo é escrito de maneira digressiva, pois a autora alterna em esboçar o projeto educacional com passagens para reiterar ou retomar a condição precária da educação feminina. Como ponto nevrálgico do texto, entendemos a dimensão de refletir como é imprescindível a educação para ambos os sexos, pois as possibilidades educacionais disponíveis para as mulheres não podem ser consideradas educação, visto sua escravidão servil e política. Em confluência a esse pensamento, Laclos em seu texto ‘Da educação das mulheres’ (1783) afirma :

Se em vez de estender as faculdades nós as restringimos, não é mais educação, é depravação; se em vez de dirigi-las para a utilidade social, nós as isolamos no indivíduo, será então apenas instinto aperfeiçoado. Por toda parte onde há escravidão, não pode haver educação: em toda a sociedade, as mulheres são escravas; então, a mulher social não é suscetível de educação (Laclos, 2019, p.174-175).

Dessa maneira, a 'Reivindicação' aponta que para caminharmos rumo ao progresso é de extrema urgência visitar a educação como um todo, em especial a das mulheres. A educação é a chave da mudança social. Wollstonecraft defende que educação mais perfeita é compreendida como o exercício do entendimento, que fortalece o corpo e forma a mente, viabilizando ao indivíduo cultivar hábitos de virtude que o tornam independente.

Considerações Finais - Uma Revolução nos Modos Femininos

Este trabalho teve por objetivo estudar como as ideias educacionais estão presentes na obra ‘Reivindicação dos direitos da mulher’ (1792) e como a partir do debate educacional e social do século XVII Wollstonecraft escreveu um livro que denuncia a situação precária que as mulheres viviam. Somos apresentados a um projeto que visa reformar as mulheres e a sociedade. Em uma leitura otimista, a autora cita que: “Rousseau se esforçava em provar que tudo estava certo originalmente; inúmeros autores, que tudo está certo agora; e eu que tudo estará certo” (Wollstonecraft, 2016, p. 34).

Há um otimismo em seu pensamento que, a partir da mudança social, de uma escola onde meninas e meninos, ricos e pobres estudem juntos, a transformação é possível. Uma revolução nos modos femininos para promover uma revolução na sociedade. Dessa maneira, este trabalho pretendeu esmiuçar seu projeto educacional e suas principais críticas ao cuidados das crianças e à condição das mulheres

Para além, a obra de Mary Wollstonecraft possibilita analisarmos os debates educacionais do século XVII com base em novas matizes e nuances, não apenas pelo seu pensamento, mas também pela redescoberta de pensadoras dessa época e de outros períodos históricos.

Acima de tudo, para além do destaque dado às figuras verificadas e apresentadas segundo os códigos da historiografia masculina, as futuras gerações deverão abordar as contribuições femininas para história intelectual de uma maneira profundamente diferente. Ao estudar as redes, em vez das autoras, ao pôr em evidência a circulação das ideias, em vez de superestimar as obras, ao recolocar o ato de escrever no contexto mais amplo de todas as maneiras de viver e de pensar filosoficamente, as mulheres e os homens letrados do século XXI terão a chance de dar à história um aspecto diferente do que ela tem hoje. Para que isso seja possível, é indispensável tornar as fontes acessíveis, a fim de que todas e todos nós possamos consultá-las e fazer com que sejam consultadas por (Rovere, 2016, p. 16).

Rovere (2019) oferece o conceito de arqueofeminismo para demarcar textos filosóficos escritos durante os séculos XII-XVII por mulheres e pensadores que abordaram tal temática. Essa definição é interessante para observarmos que as pesquisas sobre a temática estão em processo de descobertas e análises. Para o

autor, vivemos um processo de exumação típica de um arqueólogo que lentamente descobrimos nos fundos da biblioteca, títulos outrora esquecidos.

É relevante termos em mente, ao analisarmos o trabalho de Wollstonecraft, a travessia de seus escritos e traduções e como a obra foi analisada ao longo da historiografia, a ausência de traduções das suas obras e o recente interesse acadêmico em debater suas ideias e escritos. Por conseguinte, o estudo de sua obra é um campo ainda a ser explorado, traduzido e analisado.

Fontes

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos da mulher*. São Paulo: Boitempo, 2016.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Men; A Vindication of the Rights of Woman; An Historical and Moral View of the French Revolution*. ed. Janet Todd. Oxford: Oxford Classics, 2008.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Maria or the wrongs of a woman*. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/134/134-h/134-h.htm>. Acesso em: 20 ago. 2021.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Thoughts on the education of daughters: with reflections on female conduct, in the more important duties of life*. Disponível em: <http://ocelotscholars.org/resources/woolstonecraft.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2021.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Original Stories*. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/64275/pg64275-images.html>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, R. M. B. C. Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta: diálogos feministas. *Revista Água Viva*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. DOI: 10.26512/aguaviva.v1i1.10765. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/aguaviva/article/view/10765>. Acesso em: 30 ago. 2021.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BERGES, S. *The Routledge Guidebook to Wollstonecraft's A Vindication of the Rights of Woman*. Nova York: Routledge, 2013.

BOTO, Carlota. *A escola do homem novo: entre o iluminismo e a revolução francesa*. São Paulo: Unesp, 1996.

BOTO, Carlota. A invenção do 'Emílio' como conjectura: opção metodológica da escrita de Rousseau. *Educ. Pesqui.* São Paulo, v. 36, n. 1, p. 207-225, abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 20 ago. 2019.

BURKE, Maria Pallares. *Nísia Floresta, 'O Carapuceiro' e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.

BURKE, Maria Pallares. *Travessura revolucionária*. Out. 2020. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/travessura-revolucionaria/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a revolução em França*. Brasília: Ed. UNB, 1997.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUTLER, Marilyn. *Burke, Paine, Godwin, and the Revolution Controversy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

CALLENDER, Michelle. *The grand theatre of political changes: Marie Antoinette, the republic, and the politics of spectacle in Mary Wollstonecraft's An historical and moral view of the French revolution*. p. 375-392. In: *European Romantic Review*, v. 11, issue 4, fall 2000.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

CAMPOI, Isabela Candeloro; MASSUIA, Bruna Letícia da Silva. A educação feminina no livro 'A Vindication of the Rights of Woman' de Mary Wollstonecraft (1792). *Veredas – Revista Interdisciplinar de Humanidades*, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 133-152, jul. 2019. ISSN 2595-3508. Disponível em: <http://revista.unisa.br/index.php/1/article/view/62>. Acesso em: 20 ago. 2021.

CASSIRER, Ernst. *A filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1997.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. *Revista Brasileira de Educação*. v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. p.7-18.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUNU, Pierre. *A civilização da Europa das luzes*, 2 vols. Lisboa, Editorial Estampa, 1985.

CRACIUN, Adriana; Lokke E. Kari (eds.). *Rebellious Hearts. British Women Writers and the French Revolution*. Albany, State University of New York Press, 2001.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução: o submundo das letras no antigo regime*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

DARNTON, Robert. *Primeiros passos para uma história da leitura. O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1993.

FALCO, Maria J. (ed). *Feminist Interpretations of Mary Wollstonecraft*. University Park: Penn State Press, 1996.

FAVRET, Mary. *Romantic Correspondence: Women, politics and the fiction of letters*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

FLEXNER, Eleanor. *Mary Wollstonecraft: A Biography*. Nova York: Coward, McCann and Geoghegan, 1972.

FURET, François. *Pensar a Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GÉRARD, Alice. *A Revolução Francesa*. São Paulo. Perspectiva, s/d.

GODWIN, William. *Memoirs of the Author of a Vindication of the Rights of Woman (1798)*. Peterborough: Broadview Press Ltd., 2001.

GOULEMOT, Jean Marie. *Da leitura como produção de sentido*. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GORDON, Charlotte. *Mary Wollstonecraft e Mary Shelley: mulheres extraordinárias*. São Paulo: Darkside, 2020.

GORDON, Lyndall. *Vindication: A Life of Mary Wollstonecraft*. Great Britain: Virago, 2005.

HILL, BRIDGET. *Eighteenth-Century Women: An Anthology*. Londres. Nova York: Routledge, 1993.

HOBBSAWM, E. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009

LEFEBVRE, Georges. *1789, o surgimento da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

JANES, R. M. On the Reception of Mary Wollstonecraft's. *A Vindication of the Rights of Woman*. *Journal of the History of Ideas* 39 (1978): 293-302. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2708781>. Acesso em 20 ago. 2019.

JOHNSON, Claudia (ed.). *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

KANT, I. *Sobre a pedagogia*. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

NUNES, S. B. M. *O papel da Razão e a emancipação feminina: Mary Wollstonecraft e sua Reivindicação*. (Dissertação de Mestrado). Unicamp, 2021.

KANT, I. *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?* Brasília: Casa das Musas, 2008.

KELLY, Garry. *Women, writing, and Revolution, 1790-1827*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

MIRANDA, Anadir dos Reis. Mary Wollstonecraft e a reflexão sobre os limites do pensamento iluminista a respeito dos direitos das mulheres. *Revista Vernáculo*, [S.l.], dez. 2010. ISSN 2317-4021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/20742>. Acesso em: 20 ago. 2021.

MOTTA, Ivania Pocinho. *A importância de ser Mary*. São Paulo: Annablume, 2009.

PERROT, Michelle. *Minhas histórias de mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz & Terra, 2017.

POOVEY, Mary. *The Proper Lady and the Woman Writer*. Chicago: The University of Chicago, 1994.

RICHARDSON, A. Mary Wollstonecraft on Education. In: JOHNSON, C. L. *The Cambridge Companion to Mary Wollstonecraft*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. Cap. 3, p. 24-39.

ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou Da Educação*. SP: Martins Fontes, 2014.

ROVERE, Maxime. *Arqueofeminismo: mulheres filósofas e filósofos feministas –séculos XVII-XVIII*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SAPIRO, V. Virtue. In: BERGES, S.; BOTTING, E. H.; COFFEE, A. (eds.). *The Wollstonecraftian Mind*. Nova York: Routledge, 2019. p. 323-337.

SOBOUL, Albert. *A Revolução Francesa*. São Paulo, Difel, 1982.

TAYLOR, N. F. *The Rights of Woman as Chimera: the Political Philosophy of Mary Wollstonecraft*. Nova York. Londres: Routledge, 2007.

THOMPSON, E. P. *Os românticos. A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOOD, Janet. *Mary Wollstonecraft: A Revolutionary Life*. Londres: Weidenfeld and Nicholson, 2000.

TOCQUEVILLE, Aléxis de. *O Antigo Regime e a Revolução*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

TODOROV, T. *O espírito das luzes*. São Paulo, Barcarolla, 2008.

VIÑAO FRAGO, Antonio. História da educação e história cultural: possibilidades, problemas e questões. *Revista Brasileira de Educação*, p. 63-82, 1995.

VENTURI, Franco. *Utopia e reforma no Iluminismo*. Bauru: Edusc, 2003.

VOVELLE, Michel (dir.). *O homem do Iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

WOOLF, Virginia. *O leitor comum*. São Paulo: Graphia, 2007.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2019.